

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

O ÚLTIMO SASSÂNIDA?
A NARRATIVA DO *JIU TANG SHU* SOBRE O FIM DE UM IMPÉRIO PERSA

Samantha Alves de Oliveira

BRASÍLIA-DF
2021

SAMANTHA ALVES DE OLIVEIRA

O ÚLTIMO SASSÂNIDA?
A NARRATIVA DO *JIU TANG SHU* SOBRE O FIM DE UM IMPÉRIO PERSA

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História, sob orientação do Professor Dr. Leandro Duarte Rust.

Brasília – DF
2021

RESUMO

Resumo: Durante o século VII, o continente asiático assistiu à ascensão do Império Tang na China e sua expansão territorial sobre a Ásia Central, ao mesmo tempo em que, a oeste, o Império Sassânida sucumbia às invasões árabes sobre o seu território. Os destinos das duas potências se encontraram em meados do século, quando o príncipe Peroz, filho do último imperador sassânida Yazdgerd III, pediu auxílio militar contra os muçulmanos ao Imperador Tang Gaozong, que acabara de expandir sua esfera de influência sobre o Irã Oriental. Sabemos destes acontecimentos graças à narrativa chinesa sobre o fim do Império Sassânida presente no *Jiu Tang Shu*, a primeira *Zhengshi* da Dinastia Tang, compilada entre 940 e 945, durante a Dinastia Jin Posterior. Este trabalho tem por objetivo analisar essa narrativa, para entender qual imagem de Peroz e do Império Sassânida os compiladores buscaram construir, o que ela representava para os chineses, e como ela reflete o próprio contexto de produção do *Jiu Tang Shu*.

Palavras-chave: Império Sassânida, Dinastia Tang, *Jiu Tang Shu*, Historiografia Tradicional Chinesa.

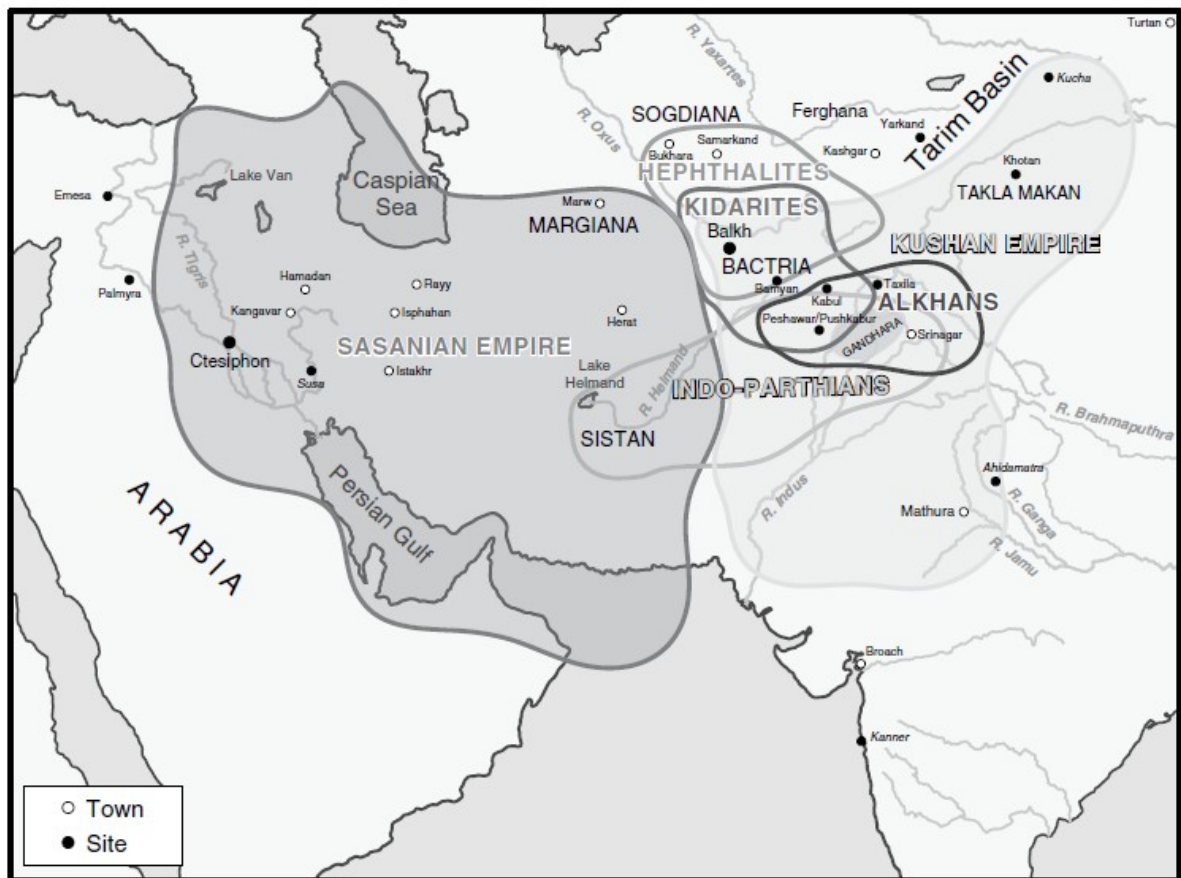
ABSTRACT

Abstract: During the 7th century, the Asian continent saw the rise of the Tang Empire in China and its territorial expansion over Central Asia, while the Sassanid Empire collapsed to the Arab invasions of its territory on the Iranian Plateau. The fates of these two powers met in the middle of the century, when Prince Peroz, son of the last Sasanian emperor Yazdgerd III, asked the Tang Emperor Gaozong, who had just expanded his sphere of influence over eastern Iran, for military aid against the Muslims. We know about these events thanks to the Chinese narrative about the end of the Sassanid Empire present in the *Jiu Tang Shu*, the first *Zhengshi* of the Tang Dynasty, compiled between 940 and 945, during the Later Jin Dynasty. This study aims to analyze that narrative, to understand what image of Peroz and the Sassanid Empire the compilers sought to construct, what it represented to the Chinese, and how it reflects the very context of *Jiu Tang Shu* production.

Keywords: Sassanid Empire, Tang Dynasty, *Jiu Tang Shu*, Chinese Traditional Historiography.

MAPAS

Mapa 1 – O Império Sassânida e seus arredores



Fonte: REZAKHANI, Khodadad. **ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017. p. xi.

Mapa 2 – O Irã Oriental



Fonte: REZAKHANI, Khodadad. **ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity**.
Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017. p. xii.

Mapa 3 – O Império Tang no século VIII



Fonte: FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China, A New History**. Second Enlarged Edition. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006. p. 80.

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA IMPERIAL CHINESA¹

Pré-Qin: As Três Dinastias (<i>Sandai</i> 三代)	2000-221 AEC
Dinastia Xia 夏	<i>circa</i> 2000-1600 AEC
Dinastia Shang 商	<i>circa</i> 1600-1045 AEC
Dinastia Zhou Ocidental 西周	1045-771 AEC
Dinastia Zhou Oriental 東周	770-256 AEC
Período da Primavera e Outono (<i>Chunqiu</i> 春秋)	770-476 AEC
Período dos Estados Combatentes (<i>Zhanguo</i> 戰國)	475-221 AEC
Dinastia Qin 秦	221-206 AEC
Dinastia Han 漢	202 AEC-220 EC
Han Ocidental 西漢 ou Han Anterior 前漢	202 AEC – 23 EC
Han Oriental 東漢 ou Han Posterior 後漢	25-220
Os Três Reinos (<i>Sanguo</i> 三國)	220-280
Wei 魏	220-265
Han 漢	221-263
Wu 吳	222-280
Dinastia Jin 晉	265-420
Jin Ocidental 西晉	265-316
Jin Oriental 東晉	317-420
Dinastias do Norte e do Sul (<i>Nanbei chao</i> 南北朝)	420-589
Dinastias do Sul 南朝:	
Liu Song 劉宋	420-479
Qi do Sul 南齊	479-502
Liang 梁	502-557
Chen 陳	557-589
Dinastias do Norte 北朝:	
Wei do Norte 北魏	386-534
Wei Oriental 東魏	534-550
Wei Ocidental 西魏	535-556
Qi do Norte 北齊	550-577
Zhou do Norte 北周	557-581

¹ Fonte: WILKINSON, Endymion. **Chinese History: A Manual**. Revised and Enlarged. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 2000, p. 10-12.

Dinastia Sui 隋	581-618
Dinastia Tang 唐	618-907
Cinco Dinastias e Dez Reinos (<i>Wudai Shiguo</i> 五代十國)	902-979
Cinco Dinastias 五代 (China do Norte):	
Liang Posterior 後梁	907-923
Tang Posterior 後唐	923-936
Jin Posterior 後晉	936-946
Han Posterior 後漢	947-950
Zhou Posterior 後周	951-960
Dez Reinos 十國 (China do Sul):	
Wu 吳	902-937
Tang do Sul 南唐	937-975
Wuyue 吳越	907-978
Chu 楚	907-951
Min 閩	909-945
Han do Sul 南漢	917-971
Shu Anterior 前蜀	903-925
Shu Posterior 後蜀	933-965
Jingnan 荊南	924-963
Han do Norte 北漢	951-979
Dinastia Song 宋	960-1279
Song do Norte 北宋	960-1127
Song do Sul 南宋	1127-1279
Dinastia Liao 遼 (Khitan)	916-1125
Dinastia Jin 金 (Jurchen)	1115-1234
Dinastia Yuan 元 (Mongol)	1279-1368
Dinastia Ming 明	1368-1644
Dinastia Qing 清 (Manchu)	1644-1912

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1: O <i>Jiu Tang Shu</i>: características e processo de produção.....	15
1.1. O <i>Jiu Tang Shu</i> e a Historiografia Tradicional Chinesa.....	15
1.2. O <i>Jiu Tang Shu</i> como <i>Zhengshi</i> e o Sistema Tang de compilação.....	19
1.3. O processo de compilação do <i>Jiu Tang Shu</i>	24
Capítulo 2: O Império Sassânida e seu declínio, segundo o <i>Jiu Tang Shu</i>.....	29
2.1. A descrição do território e dos costumes sassânidas.....	30
2.2. Os últimos imperadores sassânidas: de Khosrow II a Yazdgerd III.....	35
Capítulo 3: As representações de Peroz no <i>Jiu Tang Shu</i> e no Mausoléu de <i>Qianling</i>....	44
3.1. Peroz no <i>Jiu Tang Shu</i> : do Comando de Área Persa à corte em Chang'an.....	44
3.2. A estátua de Peroz em <i>Qianling</i>	51
Conclusão.....	55
Referências Bibliográficas.....	57
Declaração de Autenticidade.....	60

INTRODUÇÃO

O século VII foi um período de grandes transformações no continente asiático. A leste, a China passava por um processo de reunificação territorial e política, que se iniciou com a Dinastia Sui e foi consolidado pela Dinastia Tang, inaugurando um período da história chinesa que seria lembrado como uma Era de Ouro. Seria a primeira vez em que os territórios ao norte do Rio Amarelo e ao sul do Rio Yangzi se encontrariam unidos novamente, após os séculos de fragmentação política que seguiram o colapso da Dinastia Han, no início do século II EC. Além disso, a expansão territorial e da esfera de influência chinesa atingiria, em meados do século VII, um nível sem precedentes, com a presença de protetorados chineses até a região do Irã Oriental², a oeste, e a incorporação dos reinos da Península Coreana e do Japão à esfera cultural chinesa no leste³.

Os Tang também iniciaram uma nova era no tratamento dos povos considerados “bárbaros” pela corte: seria o pluralismo pragmático, e não apenas o idealismo confucionista e civilizador, que marcaria a política externa imperial, estudando os estrangeiros e incorporando-os ao governo provinciano, através de um sistema de controle indireto conhecido como *jimi* 羈縻 (literalmente, “rédeas de cavalo e cabresto de gado”)⁴. Este sistema, no qual os chefes locais das terras conquistadas mantinham o controle sobre seus povos, mas estavam sujeitos à supervisão de um oficial chinês, foi um dos pilares da estratégia de defesa Tang e permitiu a administração temporária de territórios longínquos⁵. No entanto, após atingir o ápice de seu poderio na década de 660, o Império Tang passaria por um período de retração que duraria até o início do século VIII, devido ao esgotamento de recursos com esses empreendimentos, à ascensão dos Turcos e Tibetanos nas Regiões Ocidentais e às crises políticas internas⁶.

Enquanto isso, no Planalto Iraniano, o Império Sassânida, outrora a grande potência

-
- 2 O uso dos termos “Irã” e “iraniano” neste trabalho não está associado ao Estado-nação Irã dos dias atuais, mas à zona histórico-geográfica habitada por povos de língua e cultura iraniana, que abrange parte da Mesopotâmia, o Planalto Iraniano e porções da Ásia Central. A divisão entre Irã Ocidental e Oriental é utilizada por Rezakhani para distinguir duas regiões que possuem identidades culturais independentes entre si, embora conectadas no mundo iraniano medieval; enquanto o Irã Ocidental abrange as regiões da Mesopotâmia e da Cordilheira de Zagros, o Irã Oriental engloba as regiões históricas de Khorasan, Sistão, Cabulistão, Sogdiana, Bactria e Fergana. Ver: REZAKHANI, Khodadad. **ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017. p. 7-14.
 - 3 TWITCHETT, Denis. Introduction. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 32-35.
 - 4 SKAFF, Jonathan Karam. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power and Connections, 580-800**. Nova York: Oxford University Press, 2012. p. 61-62.
 - 5 WANG, Zhenping. **Tang China in Multi-Polar Asia: A History of Diplomacy and War**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2013. p. 8-10.
 - 6 SKAFF, *op. cit.*, p. 42-44.

que fazia frente ao Império Romano no Mediterrâneo e controlava grande parte da Rota da Seda, mediando os contatos entre Oriente e Ocidente, sucumbia rapidamente, afogado em suas crises internas e incapacitado de reagir contra os avanços árabes sobre seu território. As guerras desastrosas contra os Bizantinos no início do século VII levaram a um esgotamento econômico e político do qual o império persa nunca se recuperaria. A perda de legitimidade da família Sasan no poder central levou a uma série de revoltas provincianas, lideradas por generais que se autoproclamavam imperadores e cunhavam suas próprias moedas em suas áreas de influência. O fratricídio cometido pelo imperador Kawad II em 628, em uma tentativa de garantir sua posição no trono, acabou piorando a situação: ao matar todos os seus irmãos, eliminou todos os possíveis herdeiros homens ao trono, enfraquecendo ainda mais a família Sasan e acirrando a fragmentação política do império⁷.

Yazdgerd III, considerado o último imperador sassânida pela historiografia, foi coroado em 632, mesmo ano da morte do profeta Maomé em Medina, que marcara o início do Califado Rashidun e da Guerra Santa Islâmica sobre o Irã e o Império Bizantino⁸. Os avanços árabes sobre os territórios sassânidas foram facilitados pela eficiência da cavalaria árabe, mais leve e manuseável quando comparada à cavalaria sassânida, e pela ausência de resistência em boa parte das províncias do império, pois muitos líderes locais já não mais respondiam ao governo central e aceitaram a dominação árabe com facilidade, mantendo suas posições políticas no cenário local. Yazdgerd III viveu um reinado “errante”, pois não conseguia manter o apoio além das províncias em que se instalava enquanto movia-se cada vez mais para o leste do império, devido aos avanços árabes; seu assassinato pelos líderes locais de Merv, em 651, é considerado pela historiografia o marco do fim do Império Sassânida⁹.

No entanto, essa realidade não foi aceita de imediato e com facilidade por todas as províncias do império, sobretudo na fronteira leste. Entre a segunda metade do século VII e o início do século VIII, as regiões de Sistão, Cabulistão, Tocarestão e Sogdiana resistiram com empenho contra a imposição muçulmana em seus territórios¹⁰. É neste momento em que o destino da família Sasan se cruza com a Dinastia Tang: o príncipe Peroz, filho de Yazdgerd III, participou da luta contra os árabes na região e, com o auxílio do Imperador Gaozong,

7 Sobre as causas e fases do declínio do Império Sassânida, ver: DARYAEE, Touraj. *When the End is Near: Barbarized Armies and Barracks Kings of Late Antiquity*. In: MACUCH, Maria et al. **Ancient and Middle Iranian Studies: Proceedings of the 6th European Conference of Iranian Studies**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2007.

8 ZARRINKUB, Abd Al-Husain. “The Arab Conquest of Iran and Its Aftermath”. In: FRYE, Richard Nelson (ed). **The Cambridge History of Iran, Volume 4: The Period From The Arab Invasion to the Saljuqs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. p. 1-4.

9 DARYAEE, 2007, p. 51-52.

10 REZAKHANI, *op. cit.*, p. 173.

estabeleceu uma base para a resistência na cidade de Zaranj, no Sistão, entrando para a zona de influência indireta chinesa. Ele posteriormente se mudou para Chang'an, onde recebeu títulos militares comumente conferidos a líderes estrangeiros, e passou o resto de seus dias na capital chinesa.

Sabemos da trajetória de Peroz na China graças ao seu registro pelos historiadores chineses no *Jiu Tang Shu* (Velho Livro de Tang), a primeira *Zhengshi* dedicada à Dinastia Tang e compilada durante a Dinastia Jin Posterior, no período das Cinco Dinastias e Dez Reinos. A Biografia dos “Bárbaros Ocidentais” possui uma parte dedicada à Pérsia (em chinês, *Bosi* 波斯), termo utilizado por eles para referirem-se ao Império Sassânida como um todo, na qual os chineses fazem uma descrição do território e dos costumes persas, além de um breve relato sobre os últimos imperadores sassânidas e sobre a atuação de Peroz no Irã Oriental em meados do século VII. Evidências numismáticas na região do Sistão, que demonstram a cunhagem de moedas em nome de Yazdgerd III mesmo após sua morte, além de relatos nas fontes árabes sobre revoltas naquela área durante a presença de Peroz, corroboram com a narrativa chinesa¹¹. A presença de uma estátua de Peroz no Mausoléu de *Qianling*, construído em 684 e que abriga a tumba do Imperador Gaozong e de sua família, também atesta suas atividades na China durante este período¹².

Os historiadores imperiais responsáveis pela compilação do *Jiu Tang Shu*, entre 940 e 945, trabalharam em condições precárias: além do acesso limitado aos documentos produzidos pela burocracia e pelo Departamento Historiográfico da Dinastia Tang, a base para a produção de qualquer *Zhengshi*, o contexto de instabilidade política e institucional crônica do período obrigou os compiladores a terminarem o trabalho às pressas. Por conta disso, o *Jiu Tang Shu* apresenta uma série de inconsistências internas que foram reconhecidas pelos próprios chineses posteriormente, levando à compilação do *Xin Tang Shu* (Novo Livro de Tang) durante a Dinastia Song, entre 1043 e 1060¹³. Apesar de seus problemas de narrativa, no entanto, o *Jiu Tang Shu* possui um grande valor para a historiografia de hoje, não apenas por complementar o *Xin Tang Shu* no estudo do período, mas também por mostrar quais eram os valores e a imagem da Dinastia Tang que os compiladores da Dinastia Jin Posterior queriam legar à posteridade.

11 DARYAEE, Touraj. Yazdgerd III's Last Year: Coinage and History of Sistan at the End of Late Antiquity, **Iranistik: Deutschsprachige Zeitschrift für iranistische Studien**, 5. Jahrgang, Heft 1&2, 2006-2007.

12 PASHAZANOUS, Hamidreza; SANGARI, Esmail. The Last Sasanians in Chinese Literary Sources: Recently Identified Statue Head of a Sasanian Prince at the Qianling Mausoleum, **Iranian Studies**, Volume 51, Issue 4, 2018.

13 SUNG, Chia-fu. An Ambivalent Historian: Ouyang Xiu and His *New Histories*, **T'oung Pao: International Journal of Chinese Studies**, vol. 102, Issue 4-5. Leiden-Boston: Brill, 2016. p. 389-390.

A narrativa sobre o Império Sassânida presente no *Jiu Tang Shu* se divide em três partes principais: a primeira compreende uma descrição sobre o território e os costumes da região; a segunda consiste na cronologia dos últimos imperadores sassânidas, de Khosrow II a Yazdgerd III; e a terceira relata a trajetória de Peroz do Irã Oriental à corte chinesa em Chang'an, período em que ele fizera parte da resistência contra os árabes na região e, simultaneamente, parte do sistema de governo indireto *jimi* que os Tang implantaram naquela localidade. O objetivo deste trabalho é analisar cada um desses elementos para entender qual era a imagem de Império Sassânida que os compiladores buscaram construir, e como essa representação refletia e justificava o próprio contexto de produção do *Jiu Tang Shu*, que se iniciou ainda na Dinastia Tang e foi finalizado na Dinastia Jin Posterior. A inserção do Império Sassânida e de sua história na obra não foi feita de forma impensada ou ocasional: a seleção de conteúdos e personalidades que fariam parte de uma *Zhengshi* sempre era uma decisão deliberada pelos historiadores chineses, e é a principal medida utilizada pela historiografia moderna para analisar o que era considerado importante para eles.

O primeiro capítulo do trabalho consistirá na análise do *Jiu Tang Shu*, como tipologia documental, sendo parte da Historiografia Tradicional Chinesa e um exemplar do gênero historiográfico *Zhengshi*, além de produto de um processo de compilação complexo que, como dito acima, se iniciou ainda na Dinastia Tang e foi finalizado na Dinastia Jin Posterior. O segundo capítulo se dedicará à análise da descrição do Império Sassânida e da narrativa sobre seus últimos imperadores, mostrando como seus elementos refletem a realidade caótica de seus dois momentos principais de composição: a Rebelião de An Lushan, ainda ativa no momento em que a *Guoshi* de Liu Fang, principal texto utilizado como base pelos compiladores do *Jiu Tang Shu*, foi publicada, em 760; e a crise institucional crônica da Dinastia Jin Posterior, que afetou o trabalho dos compiladores do *Jiu Tang Shu* durante sua produção, entre 940 e 945. Por último, no terceiro capítulo, examinaremos a representação de Peroz na fonte, mostrando como sua trajetória constitui um retrato da forma como a Dinastia Tang geriu as suas relações externas durante o século VII.

CAPÍTULO 1

O *Jiu Tang Shu*: características e processo de produção

Para melhor analisar a narrativa sobre Peroz e o Império Sassânida no *Jiu Tang Shu*, é preciso entender esta obra a partir de seus três aspectos principais: primeiro, como parte da Historiografia Tradicional Chinesa em geral, produzida por historiadores oficiais da corte imperial e praticamente monopolizada pelo Estado. Segundo, como uma *Zhengshi*, o gênero historiográfico mais expressivo e emblemático da tradição historiográfica chinesa, sendo o *Jiu Tang Shu* o primeiro exemplar produzido após a implementação inicial do Sistema Tang de compilação. E, por fim, como o produto final de uma seleção e edição de documentos que se iniciou na Dinastia Tang e terminou na Dinastia Jin Posterior, período de fragmentação política no qual a legitimação política era o principal objetivo de seus governantes. O objetivo deste capítulo é clarificar cada um destes aspectos.

1.1. O *Jiu Tang Shu* e a Historiografia Tradicional Chinesa:

Uma característica particular dos Estudos Chineses, com a qual um historiador moderno da China Imperial precisa saber lidar, é o fato de que a grande maioria das fontes primárias utilizadas para estudar o período são, na verdade, obras historiográficas produzidas conscientemente por historiadores oficiais das cortes imperiais, utilizando os documentos produzidos pela burocracia do governo central como base para seus trabalhos¹⁴. Pouquíssimos documentos originais do período imperial chinês foram preservados, sobretudo aqueles gerados pelas dinastias mais antigas, e só conseguimos ter algum acesso ao seu conteúdo através das compilações feitas pelos historiadores imperiais ao longo das dinastias¹⁵. Estes historiadores desenvolveram, ao longo de três milênios¹⁶, uma tradição historiográfica com métodos, objetivos e teorias da história próprias ao seu contexto de produção, a corte imperial chinesa, que caracterizam o que chamaremos de Historiografia Tradicional Chinesa¹⁷, da qual o *Jiu Tang Shu* faz parte.

14 WILKINSON, Endymion. **Chinese History: A Manual**. Revised and Enlarged. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 2000. p. 489.

15 *Idem, ibidem*, p. 483.

16 *Idem, ibidem*, p. 484-90. De acordo com Wilkinson, o surgimento de arquivos governamentais na China remonta à Dinastia Shang, para armazenar os primeiros documentos oficiais escritos em *jiaguwen*, ou Escrita em Ossos Oraculares, ancestral dos caracteres chineses. Segundo Huaiqi Wu, estes documentos registravam a produção agrícola e artesanal, sessões de caça e coleta, cerimônias de sacrifício, guerras e trocas entre clãs, bem como as genealogias dos governantes Shang, sendo o registro desta última, para o autor, um dos primeiros sinais de consciência histórica na China. Ver: WU, Huaiqi. **An Historical Sketch of Chinese Historiography**. Berlim: Springer-Verlag, 2018, p. 66-67.

17 Huaiqi Wu utiliza o termo *shi* 史 (literalmente, “história”) para diferenciar a Historiografia Tradicional Chinesa da Historiografia Moderna, ou *shixue* 史学 (literalmente, “estudo da história”), que, na China, foi bastante influenciada pelo pensamento acadêmico ocidental, sobretudo marxista. Ver: WU, *op. cit.*, p. 10.

De acordo com Huaiqi Wu, é possível resumir as principais ideias e características da Historiografia Tradicional Chinesa em quatro pontos fundamentais: o conceito de *tongbian* 通變, ou “o completo entendimento das mudanças ao longo da história”; a ideia de que a história traz lições do passado para o presente; o papel prático da história no aperfeiçoamento do governo; e, por fim, a dupla natureza da história no seu contexto imperial de produção¹⁸. Para o autor, estas quatro tendências principais do pensamento historiográfico tradicional podem ser traçadas a partir dos Cinco Clássicos do Confucionismo¹⁹, compostos durante a Dinastia Zhou Oriental e que, antes de se tornarem os pilares do pensamento clássico chinês, eram, para seus contemporâneos, o registro histórico dos acontecimentos passados nas Dinastias Xia, Shang e Zhou²⁰. Tais obras, portanto, refletem a consciência histórica da China pré-Imperial e lançam as bases da Historiografia Tradicional Chinesa.

O conceito de *tongbian*, por exemplo, tem sua primeira expressão no Clássico *Zhouyi* ou *Yijing*, o Livro das Mutações, utilizado como instrumento de divinação pelos escribas oficiais das Dinastias Shang e Zhou, que eram responsáveis tanto pelo registro histórico dos acontecimentos do período quanto pelas previsões para o futuro dos governantes²¹. Na Historiografia Tradicional Chinesa, esse termo é utilizado para definir a história como o curso das mudanças incessantes e inevitáveis que ocorrem no mundo: sem estas mudanças, não há história, e o historiador carregaria a função de registrar estes movimentos por escrito, para entender como estas transformações ocorrem e quais são as condições necessárias para suscitá-las. Desta forma, a ideia de *tongbian* também ajudava a compreender a ascensão e a queda das dinastias imperiais, que seriam mutualmente inclusivas: prosperidade e declínio andam juntas, sendo a oscilação entre ambas responsável pelas mudanças sociais e políticas na história do mundo²².

Portanto, a história seria definida também como a constante ascensão e queda das dinastias chinesas, e os historiadores incorporavam a análise destes altos e baixos em seus

18 WU, *op. cit.*, p. 19-20.

19 São eles: *Zhouyi* 周易 ou *Yi Jing* 易經 (Livro das Mutações), *Shijing* 詩經 (Livro das Odes), *Shangshu* 尚書 (Livro dos Documentos), *Liji* 禮記 (Clássico dos Ritos) e *Chunqiu* 春秋 (Anais de Primavera e Outono). Para Wu, o conjunto destas obras pode ser visto como um reflexo da maturidade da consciência histórica do período em que foram escritas, dando as linhas para o posterior desenvolvimento da Historiografia Tradicional Chinesa. O Livro das Mutações, por exemplo, teria introduzido o conceito de *tongbian*, enquanto o *Shangshu* seria a primeira obra a elaborar sistematicamente o ciclo da ascensão e declínio das dinastias; já o *Chunqiu* foi o primeiro trabalho historiográfico feito em forma de anais, que seria o preferido e mais utilizado pelos historiadores da corte ao longo da história imperial. Ver WU *op. cit.*, p. 68-99.

20 WU, *op. cit.*, p. 68-70.

21 *Idem, ibidem*, p. 80. De acordo com Wu, estes escribas oficiais não apenas eram responsáveis pela interpretação do Livro das Mutações, como também cuidaram de sua preservação e, provavelmente, da maior parte de sua produção.

22 *Idem, ibidem*, p. 24.

trabalhos historiográficos, tirando suas conclusões e julgamentos sobre tais acontecimentos a partir do conceito de *tianming* 天命, ou Mandato dos Céus. Desenvolvida durante a Dinastia Zhou Ocidental para justificar sua ascensão sobre os Shang, esta doutrina determinava que os Céus, representando as forças divinas, concederiam um mandato sagrado aos governantes que seguissem uma boa conduta moral; caso os Céus ficassem insatisfeitos com um governante em particular, este mandato lhe seria tirado e passado para outro, iniciando um novo reinado ou ciclo dinástico²³. Assim, a ideia do Mandato dos Céus não apenas explica, como também justifica a sucessão das dinastias imperiais, além de definir quais seriam os comportamentos morais adequados não apenas para os dirigentes, mas também para a sociedade em geral.

Ao fazer o registro destes acontecimentos e tendências, a história teria então, para o pensamento historiográfico tradicional chinês, um papel prático: fornecer lições importantes do passado para o presente, guiando tanto a conduta moral da sociedade quanto a conduta política imperial. A partir dos bons e maus exemplos do passado, seria possível não apenas educar moralmente a população, mas também orientar as políticas de estado para aumentar o poderio da dinastia e melhorar as condições de vida dos súditos do império²⁴. Segundo Wu, “confrontados com a irresistível força histórica que provocava a ascensão e queda das dinastias, os soberanos feudais não podiam de forma alguma negligenciar ou *brincar com a história*; caso contrário, seriam punidos por ela”²⁵. Diante disso, exigia-se dos historiadores oficiais a produção de um registro o mais verdadeiro e confiável possível do passado, para que o imperador pudesse então tirar suas lições e governar melhor²⁶.

No entanto, como estabelecido a partir da Dinastia Zhou Ocidental, os soberanos precisavam justificar o seu governo através da noção de Mandato dos Céus e, para isso, exigiam que seus historiadores reconstruíssem ou interpretassem a história de acordo com suas necessidades. Em algum grau, era preciso distorcer aquela “história verdadeira”, de tal forma que os precedentes históricos da dinastia ou do reinado anterior justificassem o estabelecimento do governo vigente²⁷. Esta é, para Huaiqi Wu, a natureza dupla da Historiografia Tradicional Chinesa, consequência de seu caráter pragmático e intimamente ligado à condução da política imperial: os historiadores oficiais deveriam escrever registros

23 ZHAO, Dingxin. The Mandate of Heaven and Performance Legitimation in Historical and Contemporary China, *American Behavioral Scientist*, vol. 53, nº 3, 2009, p. 418-420.

24 WU, *op. cit.*, p. 29-31. O autor clarifica que não se defendia uma simples reprodução do passado como tal, pois sabia-se que isso era impossível: os governantes precisavam pensar em formas criativas de renovar ou recriar instituições, leis e medidas de forma adequada ao contexto presente.

25 *Idem, ibidem.*, p. 32. Grifo original, tradução nossa.

26 *Idem, ibidem.*, p. 32-33.

27 *Idem, ibidem.*, p. 33-34.

verídicos da história e interpretar o passado a partir da perspectiva do Mandato dos Céus de forma favorável ao governante, tendo, ambos os aspectos, igual importância em seu trabalho:

A natureza dual [da Historiografia Tradicional Chinesa] não era uma simples combinação, mas sim um todo complexo e orgânico. Em outras palavras, o registro verdadeiro da história e a reinterpretação histórica para suprir as necessidades dos soberanos feudais não eram feitas separadamente; pelo contrário, ambas constituíam a historiografia chinesa de forma simultânea e colaborativa.²⁸

Essa dupla natureza da Historiografia Tradicional Chinesa resultou num rígido controle imperial sobre o trabalho feito pelos historiadores oficiais, cujas obras eram financiadas pela dinastia. Historiadores privados existiram e produziram escritos importantes e, muitas vezes, desviantes da ortodoxia imperial, mas sua produção costumava ser ilegal e muitas obras eram banidas, levando ao monopólio da ideologia historiográfica nas mãos das elites dominantes²⁹. Desta forma, a maioria dos gêneros historiográficos que compunham a Seção Historiográfica³⁰ da Biblioteca Imperial, que reunia todos os trabalhos sancionados pelo imperador, focavam nos acontecimentos e no funcionamento do governo central, e até mesmo as obras feitas por historiadores privados seguiam os padrões de composição da corte³¹. A título de exemplo, a composição dos *biannianti* 編年體 (“Anais” ou “Crônicas”), um dos métodos de compilação histórica mais importantes da tradição historiográfica chinesa, consistia na catalogação e arranjo dos principais eventos do império de forma cronológica, com foco majoritário nos acontecimentos dentro da corte e do governo central³².

Dentre os vários gêneros da Historiografia Tradicional Chinesa, um em específico assumiu uma predominância e ortodoxia incontestável sobre os outros, especialmente a partir da Dinastia Tang: as *Zhengshi* 正史 (“Histórias Ortodoxas” ou “Histórias Dinásticas”)³³, obras monumentais dedicadas à história das dinastias imperiais, expressando a perspectiva oficial do governo central sobre o seu próprio passado³⁴. Ao longo do período imperial chinês, foram produzidas vinte e seis *Zhengshi*, cobrindo de forma detalhada cerca de dois mil anos de história, e revelando o ponto de vista imperial sobre os principais eventos, personalidades e

28 WU, *op. cit.*, p. 34. Grifo original, tradução nossa.

29 *Idem, ibidem*, p. 35.

30 Em chinês, *shibu* 史部. Uma das *sibu* 四部, as quatro categorias literárias tradicionais utilizadas para classificar todas obras clássicas presentes nas bibliotecas imperiais, sendo as outras três *jingbu* 經部 (Clássicos do Confucionismo), *zibu* 子部 (Filósofos) e *jibu* 集部 (“Belas Letras” ou Coleções). Ver WILKINSON, *op. cit.*, p. 268-271.

31 *Idem, ibidem*, p. 491-492.

32 *Idem, ibidem*, p. 496.

33 De acordo com Wilkinson, o termo *Zhengshi* 正史 está relacionado à expressão *zhengtong* 正統 (sucessão legítima), e é comumente traduzido para o inglês como “*Standard Histories*”, “*Official Histories*”, ou “*Dynastic Histories*”, sendo a primeira tradução a mais próxima do sentido de legitimidade, padrão ou ortodoxia inferido de *zhengtong*. Por este motivo, foi escolhida a tradução “História Ortodoxa” para o termo em português. Ver WILKINSON, *op. cit.*, p. 501.

34 WU, *op. cit.*, p. 256.

instituições de cada período, além de informações valiosas sobre povos estrangeiros que interagiram com os chineses³⁵, como o Império Sassânida, por exemplo. Por este motivo, as *Zhengshi* são consideradas as fontes mais importantes para os historiadores modernos da China Imperial, e o *Jiu Tang Shu* em específico teve um papel fundamental na consolidação do gênero dentro da tradição historiográfica chinesa, como veremos a seguir.

1.2. O *Jiu Tang Shu* como *Zhengshi* e o Sistema Tang de compilação

Huaiqi Wu define as *Zhengshi*, ou Histórias Ortodoxas, como “a história formal, padronizada e ortodoxa produzida pela dinastia presente para a(s) dinastia(s) anterior(es)”³⁶. Formal devido ao seu caráter oficial, por serem produzidas por historiadores da corte e sancionadas pelo imperador; padronizada por seguir à risca um processo específico de compilação e disposição das informações; e ortodoxa, enfim, por ser considerada o registro legítimo, autêntico e correto sobre os acontecimentos de uma dinastia, aprovado pelo Estado³⁷. Basicamente, uma *Zhengshi* é o resultado final de um longo processo de compilação de documentos produzidos por uma dinastia, selecionados e editados por historiadores oficiais para serem posteriormente organizados em uma obra monumental, que objetivava cobrir todos os acontecimentos e personalidades relevantes ao período retratado, do início ao fim. Por este motivo, uma *Zhengshi* só poderia ser publicada por uma dinastia posterior à retratada.

O estilo tem suas origens na obra *Shiji* 史记 (Registros do Historiador), escrita pelos historiadores Sima Tan e Sima Qian durante a Dinastia Han Ocidental, e considerada a primeira *Zhengshi* pela Historiografia Tradicional Chinesa³⁸. A obra propunha-se a contar toda a história da China desde suas origens lendárias até o reinado do Imperador Han Wudi, contemporâneo aos autores, em um formato inovador para a escrita da história na época, que ficou conhecido como *jizhuanti* 紀傳體 (Anais-Biografias)³⁹. Combinando o já tradicional estilo analístico *biannianti*, já citado anteriormente, com a escrita de biografias ou memórias sobre personalidades e povos estrangeiros relevantes ao período retratado, o formato *jizhuanti* tornou-se o padrão utilizado pelas *Zhengshi* posteriores ao *Shiji*, que passaram a dedicar-se apenas à história de uma dinastia específica, diferente de sua predecessora⁴⁰.

35 WILKINSON, *op. cit.*, p. 505-506.

36 WU, *op. cit.*, p. 168. Tradução nossa.

37 Em *Zhengshi* 正史, o caractere *zheng* 正 possui um sentido de legitimidade e integridade, de algo que é o correto e válido, enquanto *shi* 史 significa literalmente “história”.

38 WILKINSON, *op. cit.*, p. 501. De acordo com Wu, por este motivo, Sima Qian é considerado o pai da Historiografia Chinesa. Ver WU, *op. cit.*, p. 156.

39 WILKINSON, *op. cit.*, p. 501.

40 *Idem, ibidem*, p. 501-502.

Seguindo o modelo *jizhuanti*, as *Zhengshi* dividem-se em dois componentes básicos: os *Benji* 本紀, ou “Anais Básicos”⁴¹, que registram de forma cronológica os feitos de cada reinado da dinastia, e as *Liezhuan* 列傳, traduzidas como “Biografias” ou “Memórias”⁴², formadas por entradas biográficas sobre personalidades notáveis do período, além de relatos sobre povos estrangeiros que se relacionaram com a dinastia em questão⁴³. Um elemento comumente incluído nas *Zhengshi* de forma opcional, mas fortemente desejada, eram as Monografias (em chinês, *zhi* 志 ou *shu* 書), coleções de documentos relacionados a aspectos variados da administração central, cada uma focando em um setor específico do governo⁴⁴. Mas o cerne da obra era realmente o conjunto dos Anais Básicos e Biografias.

Segundo Twitchett, os Anais Básicos eram a seção de maior importância para os historiadores oficiais, por incorporarem os principais eventos de uma dinastia que afetaram o imperador e sua corte, o que era considerada a essência da história para a Historiografia Tradicional Chinesa⁴⁵. Já as Biografias, consideradas de importância secundária, tinham a função de ilustrar os fatos contados nos Anais, dando uma amostra representativa de indivíduos e povos que tiveram papéis importantes em eventos do período e que, de forma conjunta, iluminam, pelo menos para os historiadores envolvidos, quais eram as características e a identidade geral da dinastia retratada⁴⁶. Diferentemente de uma biografia no sentido ocidental, que teria o objetivo de dar um retrato completo do indivíduo em si, registrando todas as suas atividades em vida, as Biografias de uma *Zhengshi* faziam parte de uma história política maior, descrevendo apenas a performance de um indivíduo em algum papel específico, geralmente oficial:

As pessoas selecionadas para as entradas bibliográficas eram escolhidas ou devido à importância política de suas carreiras em um sentido mais amplo, ou porque elas desempenharam alguma função notável relacionada à ordem política, ou porque elas contribuíram com a ordem moral que se acreditava como a manifestação externa do caráter ético fundamental daquele regime.⁴⁷

Estes aspectos eram levados em consideração pelos compiladores na hora de decidir quais indivíduos eram dignos de fazer parte de uma *Zhengshi*, além do potencial de cada história de fornecer exemplos de conduta moral, tanto bons quanto ruins, para as futuras

41 Tradução utilizada por Denis Twitchett, em inglês “*Basic Annals*”. Em *Benji* 本紀, o caractere *ben* 本 significa literalmente “raiz” e tem o sentido de “básico, fundamental”, enquanto *ji* 紀 significa “registro”.

42 Tradução utilizada por Denis Twitchett, em inglês “*Biographies*”, embora uma tradução literal do termo seria, segundo o próprio Twitchett, “tradições conectadas” ou “relatos conectados”. Ver TWITCHETT, 1992, p. 62.

43 *Idem. ibidem*, p. 62.

44 *Idem. ibidem*, p. 86.

45 *Idem. ibidem*, p. 201.

46 *Idem. ibidem*, p. 62-63.

47 *Idem. ibidem*, p. 64. Tradução nossa.

gerações de oficiais e governantes⁴⁸. O foco que os historiadores davam nas ações desses sujeitos, e não em suas vidas pessoais, explica também porque cada Biografia costuma se dedicar a um conjunto específico de personalidades, rotulando-as de acordo com suas ações e funções exercidas durante a dinastia. Alguns exemplos presentes no próprio *Jiu Tang Shu* são as Biografias sobre Oficiais Virtuosos (*liangli* 良吏), Oficiais Cruéis (*kuli* 酷吏), Literatos (*wenyuan* 文苑) e Mulheres Exemplares (*lienü* 列女)⁴⁹.

Segundo Wilkinson, a ideia de criar uma História Ortodoxa dedicada a cada dinastia surgiu de forma gradual após a publicação do *Shiji* em 91 AEC, e o próprio termo *Zhengshi* passou a ser utilizado apenas a partir da Dinastia Liang, para diferenciar as histórias dinásticas oficiais daquelas que não eram reconhecidas pelo Estado, chamadas *Bieshi* 別史 (“Outras Histórias”), e daquelas feitas sobre dinastias consideradas ilegítimas, as *Bashi* 霸史 (“Histórias de Usurpadores”)⁵⁰. A própria compilação das quinze primeiras *Zhengshi*, que só posteriormente foram classificadas como tal, foi realizada de forma individual por oficiais da corte imperial, como o próprio Sima Qian, do *Shiji*, ou por encomenda dos imperadores⁵¹. Até o início da Dinastia Tang, esta tarefa era responsabilidade do Departamento de Composição Literária⁵², um subdepartamento da Biblioteca Imperial responsável pela compilação de documentos e materiais históricos em geral, e ainda não havia um corpo especializado de historiadores para a confecção das *Zhengshi*.

Essa situação muda no início da Dinastia Tang, quando são estabelecidos um aparato burocrático e um processo de compilação específicos para a composição da história oficial, que ficou conhecido como Sistema Tang e foi aperfeiçoado e consolidado pelas dinastias posteriores, transformando a compilação das *Zhengshi* como o principal objetivo dos historiadores oficiais⁵³. Uma das primeiras medidas do governo Tang neste sentido foi a criação do Departamento Historiográfico⁵⁴ em 629, um órgão independente que assume o papel de revisar e compilar as *Zhengshi* de forma especializada, formado por um corpo de historiadores que assumiam simultaneamente outros cargos dentro administração imperial, participando do dia-a-dia do governo⁵⁵. A supervisão do trabalho destes compiladores oficiais

48 TWITCHETT, 1992, p. 78.

49 Volumes 185, 186, 190 e 193 do *Jiu Tang Shu*, respectivamente.

50 WILKINSON, *op. cit.*, p. 505.

51 *Idem, ibidem.*, p. 502.

52 TWITCHETT, 1992, p. 11-12. Em chinês, *zhuzuoju* 著作局, *zhuzuosheng* 著作省 ou *zhuzuocao* 著作曹, traduzido para o inglês por Twitchett como “*Office of Literary Composition*”.

53 *Idem, ibidem.*, p. 3-4.

54 Em chinês, *shiguan* 史館. Ver: HUCKER, Charles O. **A Dictionary of Official Titles in Imperial China**, Taiwan Edition. Taipei: Southern Materials Center, Inc., 1985, p. 426, Verbete 5272.

55 TWITCHETT, 1992, p. 13-14.

ficava nas mãos de um ou mais ministros de Estado, o que, para Twitchett, nos mostra como “a compilação do registro histórico era considerada uma das funções constantes do governo”⁵⁶, demonstrando como a escrita da história, para os chineses, era uma atividade tanto acadêmica quanto política.

O processo de compilação do Sistema Tang consistia em cinco fases. A primeira era a coleta de informações, feita principalmente através dos Diários da Corte (*qijuzhu* 起居注), que registravam as atividades cotidianas do imperador com sua corte⁵⁷, e os Registros Administrativos (*shizhengji* 時政記), feitos durante reuniões sigilosas que tratavam de questões políticas e administrativas mais delicadas⁵⁸. Além destes documentos, uma variedade de ministérios e órgãos governamentais também deveria fornecer informações ao Departamento Historiográfico para a compilação do registro histórico⁵⁹. Para a confecção das Biografias individuais, por exemplo, eram utilizados como fontes os Registros de Conduta (*xingzhuang* 行狀), uma espécie de *curriculum vitae* feita sobre um oficial após o seu falecimento, de responsabilidade de um dos departamentos do Ministério de Pessoal⁶⁰, que mantinha dossiês pessoais de todos os funcionários civis⁶¹.

Já para as Biografias sobre povos estrangeiros, as informações coletadas pelo Departamento Historiográfico para sua compilação vinham de várias fontes diferentes: audiências da corte concedidas a visitantes estrangeiros e viajantes chineses que retornaram recentemente do exterior, na qual os convidados eram entrevistados, muitas vezes pelo próprio imperador; os relatórios da Corte de Recepção Diplomática⁶², responsável por receber delegações estrangeiras na capital; relatórios de oficiais enviados para países estrangeiros e de gerais em expedição; e informações coletadas por oficiais locais, que mediavam o contato entre chefes estrangeiros e a corte central em Chang’an⁶³. A verificação da autenticidade dessas informações era impossível na maioria dos casos, e os historiadores costumavam registrar esses relatórios da mesma forma em que os recebiam, permitindo a incorporação de

56 TWITCHETT, 1992, p. 17. Tradução nossa.

57 *Idem, ibidem*, p. 5.

58 *Idem, ibidem*, p. 63-64.

59 *Idem, ibidem*, p. 27.

60 Em chinês, *libu* 吏部. Era o órgão responsável pela nomeação, promoção e rebaixamento de oficiais e outros funcionários civis, bem como pela concessão de títulos e honrarias aos mesmos. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 306, Verbete 3630.

61 TWITCHETT, 1992, p. 66-67.

62 Em chinês, *honglusi* 鴻臚寺, órgão responsável pela recepção de dignatários estrangeiros e por rituais importantes da corte, como funerais de estado. Ver: Hucker, *op. cit.*, p. 264, Verbete 2906. Segundo Twitchett, os membros da Corte de Recepção Diplomática deveriam registrar todas as informações sobre os enviados estrangeiros que chegavam à corte em Chang’an, desde seus costumes até os tributos ofertados, e enviá-las ao Departamento Historiográfico. Ver TWITCHETT, 1992, p. 27.

63 WANG, Zhenping, *op. cit.*, 191-201.

fatos infundados na *Zhengshi*⁶⁴. No entanto, essas Biografias são essenciais para compreender qual era o ponto de vista que a corte chinesa tinha sobre esses povos, bem como qual foi sua importância para a dinastia.

Os próximos estágios de compilação eram dedicados, em sua maior parte, para a composição dos Anais Básicos, que, como já dito, eram considerados a parte mais importante de uma *Zhengshi*. As informações dos Diários da Corte e dos Registros Administrativos eram reunidas e organizadas cronologicamente nos Calendários Diários (*rili* 日曆), feitos para cada ano e que, por sua vez, eram combinados para compor os Registros Verdadeiros (*shilu* 實錄), feitos para cada reinado de um imperador da dinastia⁶⁵. Estes eram utilizados como base para a composição das Histórias Nacionais (*guoshi* 國史), a fase final da compilação durante a dinastia reinante. Feitas já no formato *jizhuanti* (Anais-Biografias), as *Guoshi* registravam os acontecimentos e personalidades da dinastia desde sua fundação e eram atualizadas ao longo do período a partir dos novos Registros Verdadeiros que eram produzidos pelo Departamento Historiográfico⁶⁶. Elas eram a base principal utilizada pelos historiadores da próxima dinastia para a composição da *Zhengshi* da dinastia anterior. As Biografias eram inseridas em estágios mais tardios da compilação, sendo as individuais incluídas apenas a partir dos Registros Verdadeiros e as de povos estrangeiros nas Histórias Nacionais⁶⁷.

O *Jiu Tang Shu* foi a primeira *Zhengshi* a ser composta seguindo o Sistema Tang de compilação e, apesar de este processo não ter sido tão uniforme ao longo da Dinastia Tang, sendo aperfeiçoado e melhor implantado nas dinastias posteriores, é possível tirar algumas conclusões sobre sua produção. A burocratização e especialização da produção das *Zhengshi* pelos Tang nos indica o desejo de um maior controle do governo central sobre a construção de sua memória dinástica, através das diversas fases de seleção e compilação que ocorriam, em sua maioria, durante a dinastia vigente⁶⁸. Assim, o material que os compiladores das dinastias posteriores tinham em mãos já seria pré-selecionado pelos historiadores do período anterior.

No entanto, eram os compiladores finais das *Zhengshi* quem faziam as decisões definitivas sobre seu conteúdo, editando-o ativamente para a construção de um registro não apenas “verdadeiro e autêntico” da dinastia passada, mas também didático e legitimador para

64 TASHAKORI, Abbas. **Iran in Chinese Dynastic Histories: A study of Iran's relations with China prior to the Arab Conquest**. Tese (Master of Arts in Asian Studies) – Australian National University. Canberra, 1974. p IV.

65 TWITCHETT, 1992, p. 119-120.

66 *Idem, ibidem*, p. 160.

67 *Idem, ibidem*, p. 33-34.

68 Segundo Twitchett, este controle foi muito maior durante a Dinastia Tang, quando alguns Registros Verdadeiros foram compilados sob a supervisão dos imperadores sobre seus próprios reinados. Ver: TWITCHETT, 1992, p. 120.

a sua própria época, seguindo a natureza dupla da Historiografia Tradicional Chinesa⁶⁹. Por isso, devemos analisar o conteúdo do *Jiu Tang Shu* mantendo em mente essas duas camadas de seleção de conteúdo: o primeiro filtro feito pelos historiadores Tang, e o segundo realizado pelos compiladores da Dinastia Jin Posterior, como veremos a seguir.

1.3. O processo de compilação do *Jiu Tang Shu*:

De acordo com Twitchett, é impossível conhecer o processo editorial do *Jiu Tang Shu* de forma detalhada, pois pouquíssimos estágios da compilação sobreviveram ao período e, como já dito, a produção destes documentos não foi constante ao longo da Dinastia Tang⁷⁰. O registro histórico foi feito de forma estável apenas na primeira metade do período; após a Rebelião de An Lushan (755-763), as atividades do Departamento Historiográfico diminuíram muito, e sua destruição deliberada pelos insurgentes durante a ocupação em Chang'an levou a uma grande perda de material⁷¹.

A última História Nacional a ser compilada na Dinastia Tang foi a *Guoshi* de Liu Fang, completada em 760 e utilizada como base para o *Jiu Tang Shu* pelos compiladores da Dinastia Jin Posterior. Registros Verdadeiros para os reinados posteriores a 760 continuaram a ser feitos com certa regularidade até 847, e pouquíssimos registros contemporâneos às últimas décadas da dinastia sobreviveram para a compilação da *Zhengshi*, sendo muitos deles reunidos ou produzidos já no período das Cinco Dinastias e Dez Reinos⁷². O resultado deste processo é uma grande irregularidade de informações sobre a Dinastia Tang como um todo, sendo a primeira metade do período muito mais coberta pelo *Jiu Tang Shu* do que a metade final, e isso vale tanto para os Anais Básicos como para as Biografias.

Com a queda da Dinastia Tang e a fragmentação política de seu território entre os vários generais locais que disputavam entre si pela hegemonia e reconstrução de um governo centralizado⁷³, a escrita da história demorou algumas décadas para se tornar novamente uma prioridade entre os sucessivos governantes das Cinco Dinastias do Norte. O fundador da Dinastia Liang Posterior, Zhu Wen, não se preocupou muito com a legitimação simbólica de seu status como imperador: sua autoridade apoiava-se majoritariamente em seus seguidores e

69 STANDEN, Naomi. **Unbounded Loyalty: Frontier Crossing in Liao China**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2007, p. 39.

70 TWITCHETT, 1992, p. 200.

71 *Idem, ibidem.*, p. 20.

72 *Idem, ibidem.*, p. 201-202.

73 SMITH, Paul Jakob. Introduction: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279. In: TWITCHETT, Denis; SMITH, Paul Jakob. **The Cambridge History of China, Volume 5, Part 1: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279 AD**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 1-4.

na coerção militar, e as guerras constantes contra governantes locais que não reconheciam sua soberania produziram uma grande instabilidade política que não abria espaço para certas formalidades⁷⁴. Em contrapartida, Li Cunxu, fundador da Dinastia Tang Posterior, buscou ativamente se apresentar como um governante que possuía as virtudes imperiais necessárias ao Mandato dos Céus e declarou-se um restaurador da Dinastia Tang, por possuir o sobrenome imperial Li⁷⁵.

Durante este período, alguma parte da ordem burocrática anterior fora de fato restabelecida, e uma das primeiras medidas de Li Cunxu foi a reorganização do Departamento Historiográfico em 924. A partir de então, retoma-se a rotina de compilação dos Diários da Corte, Registros Administrativos, Calendários Diários e Registros Verdadeiros, que manteve-se relativamente constante ao longo das Cinco Dinastias, apesar da instabilidade político-administrativa crônica do período⁷⁶. Há também um interesse renovado pela história da Dinastia Tang, sendo uma das primeiras tarefas do recém-restabelecido Departamento Historiográfico reunir os Registros Verdadeiros do período e compilar aqueles que faltavam para os últimos reinados. No entanto, como a Dinastia Tang Posterior considerava-se a continuação legítima dos Tang, não houve a intenção de começar a compilação de uma *Zhengshi*⁷⁷.

Essa iniciativa ocorreu apenas no final da Dinastia Jin Posterior, que se diferenciara das outras dinastias do período pelo fato de seu fundador, Shi Jingtang, ter ascendido ao poder a partir de uma aliança com os Khitans da Dinastia Liao, que controlavam a região da Manchúria e o leste da Mongólia Interior. Em troca de forças militares para ajudá-lo a destronar a Dinastia Tang Posterior, Shi Jingtang oferecera ao Imperador Liao Taizong, ou Yelü Deguang, pagamentos anuais de tributos em ouro e seda e o controle das Dezesesseis Prefeituras, que assumiam uma posição estratégica ao longo da Grande Muralha, formando uma barreira estratégica que separava o território tradicionalmente chinês das estepes. Shi Jingtang foi até mesmo coroado como Imperador Gaozu por Deguang, em 636, o que o colocava numa posição de subordinação aos Khitan⁷⁸.

74 STANDEN, Naomi. "The Five Dynasties". In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume. 5, Part 1: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279**. Nova York: Cambridge University Press, 2009, p. 52-58.

75 STANDEN, 2009, p. 65-66. O sobrenome imperial deve-se ao fato de seu avô, um líder aristocrático da tribo turca Shaotuo, ser recompensado pelo Imperador Tang Yizong por ajudar a reprimir o motim de Pang Xun, em 869, em Xuzhou. A concessão do sobrenome imperial como recompensa militar era uma prática comum entre imperadores de diversas dinastias; era uma forma simbólica de adoção, usada como estratégia para ganhar ou manter aliados políticos. Sobre isso, ver: SKAFF, *op. cit.*, p. 227.

76 TWITCHETT, 1992, p. 191.

77 *Idem, ibidem*, p. 191-192.

78 STANDEN, 2009, p. 87-88.

O apoio dos Liao colocava Gaozu em uma posição difícil com a corte imperial e os governadores locais, pois muitos criticavam o que era visto como a subordinação da China a um poderio bárbaro e temiam uma futura dominação completa do Norte da China por parte dos Liao. No entanto, as relações com o Império Khitan, no momento a maior potência política da região, eram uma garantia de que os Jin não teriam problemas com as fronteiras, e podiam contar com o apoio militar externo no caso de rebeliões internas, inibindo os governadores das províncias de se revoltarem contra a corte. Isso garantiu certa estabilidade ao seu reinado, mas sua legitimidade como imperador ainda estava em jogo⁷⁹.

A compilação da *Zhengshi* para a Dinastia Tang pode ter sido uma estratégia para consolidar essa legitimidade. Ao ordenar sua produção em 941, Shi Jingtang, confirmava sua posição como sucessor legítimo dos Tang, e poderia utilizar da história da consolidação da dinastia passada para justificar sua posição em relação aos Liao. Sabe-se que Li Yuan, o fundador da Dinastia Tang, liderava apenas um dos grupos separatistas que buscavam derrubar a Dinastia Sui e tomar o controle da China para si. Para conseguir apoio contra seus rivais e estabelecer sua própria dinastia, Li Yuan buscou a proteção e assistência dos Turcos Orientais, reconhecendo a suserania do Qaghan Shibi (r. 609-618) e mantendo boas relações com os Turcos⁸⁰. Ao fazer isso, Li Yuan seguiu a estratégia de seu filho, Li Shimin e futuro Imperador Taizong (r. 626-649), que sabia que tomar essa decisão não significava aceitar a subordinação para sempre; em 630, Taizong derrubou o Império Turco Oriental, transformando os antigos territórios turcos em estados vassallos aos Tang⁸¹. Shi Jingtang também não pretendia manter sua recém-fundada dinastia subordinada aos Liao por muito tempo, e esse era o precedente que ele precisava para justificar sua posição naquele momento.

Os compiladores nomeados para compilar o *Jiu Tang Shu* eram todos historiadores de carreira que assumiram postos no Departamento Historiográfico já na Dinastia Tang Posterior, e muitos deles ocupavam simultaneamente cargos de alto escalão do governo durante a Dinastia Jin Posterior, participando ativamente das decisões políticas imperiais. Foram eles: Zhang Zhaoyuan, então vice-ministro do Ministério das Finanças⁸²; o Diarista da Corte⁸³ Jia Wei; Zhao Xi, então vice-diretor da Biblioteca Imperial; Zheng Shouyi, secretário-

79 STANDEN, 2009, p. 89-91.

80 WANG, Zhenping, *op. cit.*, p. 16-20.

81 *Idem, ibidem*, p. 34-36.

82 Em chinês, *hubu* 戶部, traduzido para o inglês como *Ministry of Revenue* ou *Board of Finance*. Um dos Seis Ministérios (*liubu* 六部) tradicionais da China Imperial, considerados a base administrativa do governo central; esse em específico era responsável pela realização dos censos populacionais e pela coleta de impostos, além da administração geral das receitas. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 258, Verbete 2789.

83 Em chinês, *qiju lang* 起居郎 ou *qishu sheren* 起居舍人. Oficiais responsáveis pelo registros das atividades diárias do Imperador, incluídos nos Diários da Corte. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 135, Verbetes 620 e 622.

chefe do Ministério de Pessoal; Li Weiguang, então subsecretário do Departamento de Assuntos de Estado⁸⁴; Lü Chi, vice-ministro do Ministério da Justiça⁸⁵; e o então censor⁸⁶ Yin Zhuo⁸⁷. A direção do projeto ficou inicialmente nas mãos do acadêmico e então Grande Conselheiro Zhao Ying, que, segundo Twitchett, foi a verdadeira força motora por trás da compilação do *Jiu Tang Shu*⁸⁸. O trabalho iniciou-se ainda em 941 e teve um progresso contínuo, apesar da crescente deterioração política da corte imperial.

No entanto, a situação piorou a partir de 942, com a morte de Gaozu e a ascensão de seu filho, o Imperador Chudi, ao trono: a abertura das hostilidades contra os Liao, em uma tentativa de se desvencilhar da subordinação aos Khitan, provocou uma guerra catastrófica que, mais tarde, levaria ao fim da Dinastia Jin Posterior em 947. Diante deste cenário, como apontado por Twitchett, a escrita do *Jiu Tang Shu* deve ter se tornado uma atividade de menor importância para a corte Jin⁸⁹. Isso explicaria os problemas narrativos e incoerências internas presentes na obra, dado que os compiladores não tiveram tempo nem condições para fazerem seu trabalho com o cuidado devido.

O Imperador Chudi também promoveu mudanças na direção do projeto de compilação da *Zhengshi*, substituindo Zhao Ying pelo então Comissário de Assuntos Militares⁹⁰ Sang Weihan em 943 e, posteriormente, pelo Grande Conselheiro Liu Xu, em 944, o qual é tradicionalmente creditado como o autor do *Jiu Tang Shu*⁹¹. Tanto Sang Weihan quanto Liu Xu tiveram pouco papel significativo na compilação da obra, pois a maior parte do trabalho já havia sido realizada durante a direção de Zhao Ying. A *Zhengshi* foi completada e apresentada ao imperador em 945, na época intitulada apenas *Tang Shu*, sendo o *Jiu Tang Shu* que sobrevive hoje, mas com algumas partes perdidas.

Hoje, não é possível saber quais partes ficaram sobre a responsabilidade de cada

84 Em chinês, *shangshu sheng* 尚書省. Órgão responsável pela administração geral do governo central que, com a Chancelaria (*menxiasheng* 門下省) e o Secretariado (*zhongshusheng* 中書省) formava os Três Departamentos (*sansheng* 三省) do governo imperial, que geriam os Seis Ministérios; oficiais superiores do órgão comumente faziam parte do quadro de Grandes Conselheiros (*zaixiang* 宰相), que participavam das decisões políticas com o Imperador. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 412, Verbete 5053.

85 Em chinês, *xingbu* 刑部. Um dos Seis Ministérios, responsável pela administração da justiça e dos prisioneiros e condenados do império. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 245, Verbete 2590.

86 Em chinês, *yushi* 御史. Oficial do governo central responsável pela vigilância e disciplina sobre os outros oficiais através do Censorado (*yushifu* 御史府), órgão de alto escalão relativamente autônomo, que respondia diretamente ao Imperador; por este motivo, os censores eram comumente chamados de “olhos e ouvidos do Filho dos Céus” (*tienzi ermu* 天子耳目). Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 592, Verbete 8167.

87 TWITCHETT, 1992., p. 192-193.

88 *Idem, ibidem*, p. 193, n. 16.

89 *Idem, ibidem*, p. 194.

90 Em chinês, *shumi shi* 樞密使. Um dos oficiais superiores do Departamento de Assuntos Militares (*shumi yuan* 樞密院), órgão do governo central responsável pela administração e controle das forças militares imperiais. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 436, Verbetes 5450 e 5451.

91 TWITCHETT, 1992, p. 194-196.

compilador, mas, de acordo com Twitchett, houve muito pouca escrita nova nas mãos dos historiadores da Dinastia Jin: “o processo foi mais uma constante e repetitiva condensação e eliminação de palavras excessivas e materiais indesejados do que uma composição ativa”⁹². As únicas partes do trabalho que foram completamente compostas durante a produção *Jiu Tang Shu* foram as referentes aos últimos reinados da Dinastia Tang e alguns dos comentários feitos pelos compiladores nos finais de alguns capítulos, embora muitos destes tenham sido copiados da *Guoshi* de Liu Fang, e nem sempre é possível identificar quais foram copiados e quais eram inéditos⁹³.

Por conta disso, o *Jiu Tang Shu*, em conjunto com as outras fontes do período Tang que sobreviveram até hoje, formam um corpo documental extremamente coerente quando comparados entre si, o que é, para Twitchett, a característica mais marcante das fontes Tang em geral. Isso não significa, no entanto, que foi feita uma história “impessoal” e livre de julgamentos no *Jiu Tang Shu*: era na seleção e disposição dos conteúdos que as intenções e concepções dos historiadores eram expressadas, seja na omissão ou exclusão de grupos e pessoas específicas da história, ou na menção destes apenas em contextos negativos, por exemplo. Mas as informações que eram consideradas dignas de serem incluídas na *Zhengshi* o eram feitas geralmente de forma acurada em relação aos documentos da época⁹⁴.

No entanto, ao analisar o *Jiu Tang Shu*, é preciso manter sempre em mente a natureza dupla da Historiografia Tradicional Chinesa e o peso de uma *Zhengshi* dentro desta tradição: o registro autêntico do passado andava de mãos dadas com a necessidade de legitimação das ações do governo vigente, e as *Zhengshi*, como o registro oficial e ortodoxo da história de uma dinastia, visavam a construção de uma identidade para a mesma, de forma a servir de exemplo, negativo ou positivo, para a condução das políticas imperiais posteriores, ou até mesmo justificá-las. O período das Cinco Dinastias e Dez Reinos foi marcado por uma extrema fragmentação política, em que governantes e generais locais, pertencentes à antiga ordem política da Dinastia Tang, competiam entre si para tentar reconstruir o antigo poderio Tang e seu aparato burocrático centralizado. A legitimação política e manutenção da lealdade de seus seguidores foi o maior desafio para os sucessivos fundadores das Cinco Dinastias do Norte, e a produção do *Jiu Tang Shu* durante a Dinastia Jin Posterior dificilmente foi uma trivialidade neste contexto.

92 TWITCHETT, 1992. p. 198. Tradução nossa.

93 *Idem, ibidem*, p. 198.

94 *Idem, ibidem*, p. 199-200.

CAPÍTULO 2

O Império Sassânida e seu declínio, segundo o *Jiu Tang Shu*

Entre as nove Biografias do *Jiu Tang Shu* dedicadas a povos estrangeiros⁹⁵, a dos “Bárbaros do Oeste” (*Xirong* 西戎) é a que contém a seção sobre a Pérsia, ou *Bosi* 波斯 em chinês, uma derivação da palavra persa *Pars*, utilizada para definir a região histórica do povo persa. O termo *Bosi* começou a ser usado pelos chineses para referirem-se ao Império Sassânida a partir do *Wei Shu*⁹⁶ (Livro de Wei), primeira *Zhengshi* a incluir os persas em sua Biografia sobre povos ocidentais⁹⁷, seguida posteriormente pelo *Liangshu* (Livro de Liang) e o *Suishu* (Livro de Sui)⁹⁸, ambos compilados durante a Dinastia Tang. Enquanto essas três obras dedicaram-se majoritariamente à descrição geográfica e socioeconômica da região, apenas o *Jiu Tang Shu* (e, posteriormente, o *Xin Tang Shu*) dá algum espaço para a história política do Império Sassânida, descrevendo seu declínio e seus últimos governantes⁹⁹. Isso se explica, provavelmente, pela participação de Peroz no sistema de administração indireta dos Tang sobre as Regiões Ocidentais durante a segunda metade do século VII, fato diretamente ligado ao fim do Império Sassânida.

Como dito no capítulo anterior, as Biografias sobre povos estrangeiros eram normalmente inseridas no processo de compilação a partir das Histórias Nacionais, ou *Guoshi*, o último estágio de compilação durante a dinastia vigente, antes da confecção de sua *Zhengshi* pela próxima dinastia. A última *Guoshi* compilada pela Dinastia Tang foi a feita pelo historiador Liu Fang, completada entre 759 e 760, ainda durante a Rebelião de An Lushan (756-763), primeira grande crise política do período, que deixaria sequelas irreversíveis ao poder central e iniciaria o processo de fragmentação política do império Tang¹⁰⁰. Essa obra foi utilizada como base pelos compiladores do *Jiu Tang Shu*, durante a Dinastia Jin Posterior, para os períodos da Dinastia Tang anteriores aos anos 760, que incluem os acontecimentos narrados na Biografia sobre o Império Sassânida presente na fonte.

Este capítulo possui dois objetivos principais: o primeiro é tentar compreender qual era a imagem de Império Sassânida que os compiladores do *Jiu Tang Shu* buscaram construir, a partir das informações que eles dispunham sobre eles e das relações mantidas entre os persas

95 São sete no total: Goturcos (*Tujie* 突厥), Tibet (*Tubo* 吐蕃), Uighur (*Huihu* 迴紇), “Bárbaros do Sul e Sudoeste” (*Nanman Xinanman* 南蠻 西南蠻), “Bárbaros do Leste” (*Dongyi* 東夷), “Bárbaros do Norte” (*Beidi* 北狄) e “Bárbaros do Oeste” (*Xirong* 西戎).

96 *Zhengshi* dedicada às Dinastias Wei do Norte e Wei Oriental, compilada entre 551 e 554. Ver: WILKINSON, *op. cit.*, p. 504.

97 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 14.

98 *Zhengshis* dedicadas respectivamente às Dinastias Liang e Sui. Ver: WILKINSON, *op. cit.*, p. 504-505.

99 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 48.

100 TWITCHETT, 1992, p. 178-187.

e os chineses. O segundo é mostrar como a narrativa sobre os últimos Sassânidas na fonte reflete, de alguma forma, as noções de poder e de legitimidade dinástica que os historiadores chineses que a compuseram precisavam sustentar para justificar seus próprios contextos de produção, dentro da dupla natureza da Historiografia Tradicional Chinesa. Tanto Liu Fang, autor da última *Guoshi* do período Tang, quanto os compiladores do *Jiu Tang Shu* na Dinastia Jin Posterior trabalharam em momentos de crise política e institucional que colocavam em jogo a legitimidade de seus imperadores como governantes. As concepções de poder e de legitimidade que ambos os cenários precisavam afirmar para validar os regimes políticos em que viviam podem ter influenciado no tratamento dos últimos imperadores persas pela fonte.

2.1. A descrição do território e dos costumes sassânidas:

Como em todos os relatos sobre terras estrangeiras, os compiladores começam a narrativa descrevendo a localização do território que eles consideravam ser a Pérsia, ou *Bosi*:

O país da Pérsia está a 15.300 *li*¹⁰¹ de distância da capital [Chang'an]. A leste se encontra com o Tocarestão e *Kangguo*¹⁰², ao norte é vizinho dos Turcos Cázares¹⁰³, a noroeste resiste ao Império Bizantino, e ao oeste e ao sul está cercado pelo mar.¹⁰⁴

É por essa delimitação de fronteiras que podemos identificar o termo *Bosi* como referente ao Império Sassânida como um todo, e não apenas à província de *Pars* (atual Fars, no Irã), a partir da qual a família Sasan iniciou sua campanha para destronar os Arsácidas¹⁰⁵ e estabelecer seu próprio império, no início do século III EC. Os chineses possuíam algum conhecimento da geografia da região desde pelo menos o século II AEC, quando o emissário Zhang Qian foi enviado pelo Imperador Han Wudi ao oeste para buscar uma aliança com os

101 Caractere 里, medida tradicional de distância, utilizada para medir terras; correspondia a um terço de uma milha, aproximadamente meio quilômetro. Ver WILKINSON, *op. cit.*, p. 237.

102 Na fonte, *Kangguo* 康國, termo utilizado para o território da confederação nômade *Kangju* 康居, que, de acordo com as fontes chinesas, estabelecera um reino poderoso na região correspondente à Sogdiana no século II AEC. Ver: ZADNEPROVSKIY, Y.A. The Nomads of Northern Central Asia after the Invasion of Alexander. In: HARMATTA, János (ed). **History of Civilizations of Central Asia, Volume II. The development of sedentary and nomadic civilizations: 700 B.C to A.D. 250**. Paris: UNESCO Publishing, 1994. p. 463-464.

103 Em chinês, *Tujue zhi Kesabu* 突厥之可薩部, termo utilizado para referir-se à confederação tribal que assumira o poder nas estepes ocidentais após o fim dos Primeiro Canato Turco em 659, estabelecendo um canato na região que durou até meados do século X. Ver: NICHOLSON, Oliver (ed). **The Oxford Dictionary of Late Antiquity, Volume 1: A-I**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 859.

104 LIU XU (ed). **Jiu Tang Shu, Livro 198, Biografia 148: Bárbaros Ocidentais**. Edição *Siku Quanshu*, 1782, p. 30. Tradução nossa. No original: 波斯國在京師西一萬五千三百里東與吐火羅康國接北鄰突厥之可薩部西北拒拂菻正西及南俱臨大海.

105 O Império Parto ou Arsácida (247 AEC – 224 CE) foi fundado pela confederação nômade *Parni*, de origem iraniana, que invadiu a região da Pártia, no Irã Oriental, em meados do século III AEC, e estabeleceu um reino próprio na região, fundado por Ársaces I (em parto, *Aršak*). Com o tempo, os partos conquistaram os territórios dominados pelos Selêucidas no Planalto Iraniano e na Mesopotâmia, e mantiveram-se no poder por mais de quatro séculos, até a ascensão dos Sassânidas no início do século II EC. Ver: POURSHARIATI, Parvaneh. **Decline and Fall of the Sasanian Empire: The Sasanian Parthian Confederacy and the Arab Conquest of Iran**. Londres: I.B. Tauris, 2008. p. 19-21.

Kushanos¹⁰⁶ do Tocarestão contra os *Xiongnu*, povos nômades que viviam ao norte da China na época e ameaçavam constantemente as fronteiras do Império Han. Embora a missão tenha sido um fracasso, Zhang Qian visitou as regiões da Bactria, Sogdiana e Fergana, todas de tradição fortemente iraniana, e também coletou informações sobre o Império Arsácida ou Parto. Pouco tempo após essa expedição, relações diplomáticas e comerciais entre os Partos e os Han foram estabelecidas¹⁰⁷.

A posição estratégica da região do Irã, como ponto de convergência entre Ocidente e Oriente, colocou o Império Parto e, posteriormente, o Império Sassânida, como os grandes intermediadores das trocas comerciais entre China e Índia e o Mediterrâneo ao longo da Rota da Seda, pois as rotas terrestres mais seguras passavam necessariamente por seus territórios¹⁰⁸. Apesar da ocupação da Ásia Central pelos Heftalitas no século V e, posteriormente, pelos Turcos Ocidentais no século VI, ter gerado problemas políticos sérios ao Império Sassânida¹⁰⁹, as relações comerciais entre a China e a Pérsia não cessaram, e os mercadores iranianos conseguiram manter sua predominância na Rota da Seda. Por conta disso, a região do Irã era reconhecida pelos chineses por sua riqueza e prosperidade¹¹⁰.

Esse reconhecimento da importância econômica e cultural dos persas na região está presente na fonte. Após a descrição das fronteiras do Império Sassânida, os compiladores registram o tamanho de sua população e o grande número de cidades grandes na região:

Possuem centenas de milhares de famílias lá. Seu rei possui residência em duas cidades fortificadas¹¹¹, e há também dezenas de cidades grandes, parecidas com os Palácios Separados¹¹² na China.¹¹³

106 Em chinês, *Yuezhi* 月氏, uma confederação de povos nômades que viviam na região da Bacia do Tarim até a chegada dos Hunos na região, no século II AEC, pressionando-os para o oeste e levando à sua fixação na Bactria; acredita-se que uma das tribos *Yuezhi* fundou o Império Kushan ou Kushano no século I EC. Esses povos aparecem nas fontes greco-romanas como *Tocharoi*, daí o termo Tocarestão para se referir aos seus territórios. Ver: REZAKHANI, *op. cit.*, p. 49-52.

107 TASHAKORI, *op. cit.*, p. I-II. Segundo o autor, os chineses utilizavam o termo *Anxi* 安息, uma transliteração do nome do fundador do Império Parto, Arsaces I (em parto, *Aršak*), para se referir aos Arsácidas; o termo *Bosi* seria utilizado para fazer uma diferenciação entre os sassânidas dos últimos.

108 *Idem, ibidem*, p. 1-3.

109 O século VI é considerado um ponto baixo na história do Império Sassânida, devido às incursões fracassadas do *Shahanshah* Peroz I (489-484) contra os Heftalitas na fronteira oriental do império. A primeira delas, em 469, levou à captura do imperador e sua comitiva pelos nômades, obrigando-o a ceder territórios e pagar tributos aos Heftalitas em troca de sua liberdade; já a segunda, em 484, levou à morte do imperador, de seus filhos e de seu exército inteiro. Seu sucessor, Balash (484-488), precisou manter o pagamento de tributos para manter a paz com os Heftalitas. Ver: DARYAEE, Touraj. **Sasanian Persia: The Rise and Fall of an Empire**. Londres: I.B. Tauris, 2009. p. 24-25.

110 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 13-14.

111 Os compiladores aqui provavelmente referiram-se a Ctesifonte, capital do Império Sassânida localizada na Mesopotâmia (próxima à cidade de Bagdá, fundada pelos árabes depois), e Istakhr, centro político da família sassânida, localizada na província de Fars.

112 Em chinês, *ligong* 離宮 ou *xinggong* 行宮. Termo utilizado para referir-se às residências temporárias do imperador utilizadas durante viagens. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 245, Verbete 2580.

113 LIU XU, *op. cit.*, p. 30. Tradução nossa. No original: 戶數十萬其王居有二城復有大城十餘猶中國之離宮.

A urbanização do império foi um projeto constantemente promovido pelos reis sassânidas, que construíam ou reconstruíam cidades de forma planejada, sobretudo em regiões próximas às rotas comerciais mais importantes, para se beneficiarem da receita produzida nesses locais¹¹⁴. Por estarem posicionadas nos principais caminhos usados tanto por mercadores quanto por emissários diplomáticos chineses para chegarem ao Império Sassânida, essas grandes e populosas cidades provavelmente foram o maior contato direto que esses viajantes tiveram com o mundo persa, e definitivamente algo a se reportar nas audiências e relatórios da corte que seriam utilizadas como fonte pelos historiadores do Departamento Historiográfico.

A influência religiosa e cultural que os persas tiveram sobre os outros povos das Regiões Ocidentais também foi reconhecida pelos chineses:

Lá, é costume comum servir aos espíritos dos Céus e Terra, Sol e Lua, Água e Fogo¹¹⁵. Os bárbaros das Regiões Ocidentais¹¹⁶ que servem ao Deus do Fogo, todos visitam a Pérsia para receber seus ensinamentos.

[...] Sua escrita é compartilhada com os bárbaros ocidentais.¹¹⁷

O “Deus do Fogo” (em chinês, *huoxian* 火祆) na fonte se refere a Ahura Mazda, divindade principal do Zoroastrismo, a religião de Estado do Império Sassânida. Os chineses já conheciam o Zoroastrismo desde pelo menos o século IV EC, com o estabelecimento de colônias sogdianas ao norte da China¹¹⁸. No início do período Tang, havia cinco templos zoroastrianos em Chang’an e três em Luoyang, além de outros espalhados pelas províncias ocidentais¹¹⁹. Ao dizer que os “bárbaros ocidentais” recebiam os ensinamentos de Ahura Mazda da Pérsia, os compiladores demonstram não apenas conhecer as origens da religião, mas também a influência religiosa que os persas exerceram em seus arredores.

Já a referência à escrita é compreensível, devido ao fato de que tanto o Persa Médio ou *pahlavi*, escrita utilizada nos textos zoroastrianos e inscrições de reis sassânidas, quanto a escrita sogdiana derivaram do Aramaico Imperial, sistema utilizado durante o Império Aquemênida (590-330 AEC) como escrita de chancelaria e que foi posteriormente adotado em

114 DARYAEE, 2009, p. 135.

115 Os chineses diziam que esses elementos eram adorados nos templos zoroastrianos presentes na China, que consistiam em um pequeno cômodo sem imagens e virado para o oeste. Ver: WATSON, Williams. Iran and China. In: YARSHATER, Ehsan (ed). **The Cambridge History of Iran, vol. 3, part 1: The Seleucid, Parthian and Sasanid Periods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 554.

116 Em chinês, *xiyu hu* (西域胡). O termo *hu* 胡, durante a Dinastia Tang, era utilizado para referir-se aos povos estrangeiros a oeste da China, particularmente iranianos. Ver: SCHAFER, Edward Hetsel. **The Golden Peaches of Samarkand: A Study of T’ang Exotics**. Los Angeles: University of California Press, 1985. p. 4.

117 LIU XU, *op. cit.*, p. 30. Tradução nossa. No original: 俗事天地日月水火之諸神西域諸胡事火祆者皆詣波斯受法焉 [...] 文字同於諸胡.

118 AOKI, Takeshi. Zoroastrianism in the Far East, In: STAUSBERG, Michael; VEVAINA, Yuhan Sohrab-Dinshaw (eds). **The Wiley-Blackwell Companion to Zoroastrianism**. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd., 2015. p. 148-150.

119 WATSON, *op. cit.*, p. 554.

várias províncias do império, incluindo o leste do Irã¹²⁰. A dominação dos Turcos Ocidentais sobre essa região a partir do século VI levou à expansão da cultura sogdiana para o leste, e a língua sogdiana se tornou o idioma principal do Império Turco, sendo utilizada até as fronteiras com a China¹²¹. A escrita sogdiana foi o primeiro sistema de escrita utilizado pelos Turcos e influenciou bastante o desenvolvimento posterior da escrita goturca, as Runas de Orcom, que também foram adotadas pelos Uigures no século IX¹²². Uma característica comum das escritas iranianas derivadas do Aramaico Imperial, presente de forma marcante tanto na escrita sogdiana quanto no *pahlavi*, é a tendência das letras, com o tempo, tornarem-se idênticas ou quase idênticas na escrita cursiva. As similaridades entre essas duas escritas não passaram despercebidas pelos chineses.

A descrição dos costumes persas continua, detalhando as vestimentas utilizadas pelos homens e mulheres, práticas de batalha, o sistema judiciário e suas penas, as práticas funerárias de acordo com os rituais zoroastrianos, o clima e a fauna local. Esse relato sociocultural da Pérsia termina com uma enumeração dos bens produzidos na região, sendo eles, em sua maioria, muito populares entre os chineses:

Produzem mulas e burros grandes, leões, elefantes brancos, corais¹²³ com a altura de 1 a 2 *chi*¹²⁴, âmbar¹²⁵, *chequ*¹²⁶, cornalinas¹²⁷, pérolas de fogo¹²⁸, vidro transparente e vidro colorido¹²⁹, galhas de carvalho¹³⁰, rizoma de *Cyperus*¹³¹, mirobalam¹³², pimenta preta e

120 SKJAERVØ, Prods Oktor. Iran vi. Iranian Languages and Scripts (3) Writing Systems. In: **Encyclopaedia Iranica**, XIII/4.

121 REZAKHANI, *op. cit.*, p. 180-181.

122 GABAIN, Annemarie Von. Irano-Turkish Relations in the Late Sasanian Period. In: YARSHATER, Ehsan (ed). **The Cambridge History of Iran, vol. 3, part 1: The Seleucid, Parthian and Sasanid Periods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 621-622.

123 Em chinês, *shanhu* 珊瑚, usado pelos chineses para produzir ornamentos, como colares e anéis, e para decorar superfícies. Ver: SCHAFFER, *op. cit.*, p. 246-247.

124 Caractere 尺, medida tradicional equivalente ao pé (*foot*). Ver: WILKINSON, *op. cit.*, p. 237.

125 Em chinês, *hupo* 琥珀, utilizado, assim como o coral, para criar ornamentos femininos, além de possuir propriedades medicinais; costumava ser importado do Irã para a China. Ver: SCHAFFER, *op. cit.*, p. 247-248.

126 Não consegui encontrar uma tradução ou identificar o significado do termo *chequ* 車渠.

127 Em chinês, *manao* 琥珀, usada na China para fazer pequenos utensílios. Ver: SCHAFFER, *op. cit.*, p. 228.

128 Em chinês *huozhi* 火珠, descritas como pequenas “orbes de fogo” cristalinas, do tamanho de um ovo de galinha e presentes na Índia e em várias regiões do Sudeste Asiático; para os chineses, possuíam propriedades divinas. Ver: SCHAFFER, *op. cit.*, p. 237.

129 Enquanto o vidro colorido (*liuli* 琉璃) era utilizado para criar braceletes e outros adereços, o vidro transparente (*boli* 琉璃) era usado para utensílios como vasilhas e copos. Ver: SCHAFFER, *op. cit.*, p. 236.

130 Em chinês *wushizi* 無食子, excrescências esféricas causadas pelas larvas das vespas-das-galhas nas folhas, brotos e galhos de várias espécies de carvalho presentes no Oriente Médio, usadas para fins medicinais e na produção de tintas. O primeiro contato dos chineses com este produto se deu com os persas durante a Dinastia Tang; por este motivo, ele era considerado de origem persa. Ver LAUFER, Berthold. **Sino-Iranica: Chinese Contributions to the History of Civilization in Ancient Iran, with Special Reference to the History of Cultivated Plants and Products**. Chicago: Field Museum of Natural History, 1919. p. 367.

131 Em chinês, *xiangfuzi* 香附子, termo utilizado para o rizoma da planta *Cyperus rotundus*, utilizada na medicina tradicional chinesa para a regulação do *qi*. Ver: WISEMAN, Nigel; FENG, Ye. **A Practical Dictionary of Chinese Medicine**, Second Edition. Brookline: Paradigm Publications, 1998. p. 493.

132 Em chinês, *helile* 訶黎勒, referente à espécie de árvore *Terminalia chebula*, típica do sul e sudeste asiático, que produz um fruto parecido com uma noz. Ver LAUFER, *op. cit.*, p. 378.

pimenta longa¹³³, açúcar¹³⁴, tâmaras¹³⁵ e pêssegos.¹³⁶

Muitos desses produtos não são de origem persa, mas, devido ao papel de intermediadores comerciais que os persas tinham na Ásia, tanto pelas rotas terrestres quanto marítimas, eles foram os responsáveis pela introdução de vários desses itens ao mercado chinês, e eram reconhecidos pelos chineses por isso¹³⁷. Segundo Schafer, esses artigos estrangeiros, considerados exóticos na China, eram raridades valiosas e desejadas tanto pela aristocracia Tang quanto por aqueles que tentavam emulá-la, e o gosto pelo exótico estava em todas as classes sociais e em cada aspecto da rotina chinesa, desde as vestimentas, à culinária e à decoração doméstica¹³⁸. Mercadores persas eram uma parte expressiva da população estrangeira que vivia em Chang'an e, devido às gemas preciosas serem um dos principais produtos comercializados por eles, como listado na fonte, eles tinham a fama de serem ricos e grandes conhecedores de pedras preciosas, de tal forma que a expressão “persa pobre” era utilizada como sinônimo de paradoxo¹³⁹.

Com tudo isso, vemos que a imagem de Império Sassânida que os historiadores chineses criaram nessa Biografia é de um império próspero e vasto territorialmente, estendendo-se do Irã Oriental até as fronteiras do Império Bizantino, com grandes cidades pelo caminho e produtor de várias riquezas, sobretudo pedras preciosas, além de temperos e alimentos valiosos. Era também um pólo religioso e cultural para os outros bárbaros ocidentais, através da difusão do Zoroastrismo e de sua escrita. No entanto, é preciso lembrar que os persas ainda eram considerados bárbaros e inferiores aos chineses, embora possuíssem qualidades que os destacavam de outros povos estrangeiros¹⁴⁰. Chineses, por exemplo, eram

133 A primeira (em chinês, *hujiao* 胡椒) também é conhecida no Brasil como pimenta-do-reino; nativa da Índia e de outras regiões do Sudeste Asiático, foi propagada para o resto da Ásia pelos persas e, na China, era um produto caro e possuía, além do uso como condimento, propriedades medicinais para a digestão. Já a pimenta longa (*bibo* 萹撥) refere-se a outro tipo de pimenta originária do Sudeste Asiático que foi importada para a Pérsia a partir da Índia; também era utilizada como tempero e como remédio na China. Ver: LAUFER, *op. cit.*, p. 374-375; SCHAFFER, *op. cit.*, p. 150-153.

134 Em chinês *shimi* 石蜜, termo utilizado para o açúcar produzido a partir da cana-de-açúcar, originária da Índia e Sudeste Asiático, mas importada para a China a partir da Pérsia durante a Dinastia Tang. Ver LAUFER, *op. cit.*, p. 376; SCHAFFER, *op. cit.*, p. 152-153.

135 Em chinês, *qiannianzao* 千年棗, fruto cultivado no sul da Pérsia desde a Antiguidade, sobretudo no litoral do Golfo Pérsico; na China, eram conhecidas pelo sabor doce e por seus benefícios à saúde. Ver: LAUFER, *op. cit.*, p. 389; SCHAFFER, *op. cit.*, p. 121-122.

136 LIU XU, *op. cit.*, p. 31. Tradução nossa. No original: 出驢及大驢獅子白象珊瑚樹高一二尺琥珀車渠瑪瑙火珠玻璃琉璃無食子香附子訶黎勒胡椒萹撥石蜜千年棗甘露桃.

137 Segundo Tashakori, a descrição da Pérsia presente no *Wei Shu* já listava uma série de produtos de origem indiana ou do Sudeste Asiático atribuídos aos persas, pelo papel destes em sua disseminação na China, evidenciando sua centralidade no comércio do continente. Ver: TASHAKORI, *op. cit.*, p. 14.

138 SCHAFFER, *op. cit.*, p. 28.

139 SCHAFFER, *op. cit.*, p. 222-223; WATSON, *op. cit.*, p. 553. Segundo estes autores, os persas também possuíam uma “reputação alquímica” devido ao seu interesse por pedras preciosas.

140 ABRAMSON, Marc. **Ethnic Identity in Tang China**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2008. p. xii. Segundo o autor, as elites Tang costumavam distinguir categorias particulares de povos não-Han (não

proibidos de participar de cerimônias zoroastrianas, e o Zoroastrismo manteve-se como uma religião estrangeira na China, praticada majoritariamente por povos originários da Ásia Central e de origem iraniana¹⁴¹. Além disso, a afeição por pedras preciosas associada aos persas era, apesar de desejável, também degradante aos olhos da moral confucionista tradicional¹⁴².

2.2. Os últimos imperadores sassânidas: de Khosrow II a Yazdgerd III

Após a descrição sobre as características e costumes dos persas e do Império Sassânida, os compiladores passam para a sua história política, que difere consideravelmente das fontes árabes, iranianas e bizantinas, principais referências para a historiografia sobre o Império Sassânida¹⁴³. No entanto, a narrativa chinesa possui sua própria lógica interna, dentro do que os compiladores tinham de informações à sua disposição sobre este período tão conturbado da história sassânida, e do que eles pretendiam construir para suprir as funções Historiografia Tradicional Chinesa: o compromisso com um relato verdadeiro, para fornecer exemplos morais às futuras gerações, e a necessidade de justificar o próprio contexto político em que estes historiadores estavam inseridos.

A narrativa começa já a partir de um momento tardio do período, o final do reinado de Khosrow II (r. 591-628), que marca o início do declínio da família sassânida no poder:

No final da Era *Sui Daye*¹⁴⁴, o Yabghu Qaghan¹⁴⁵ dos Turcos Ocidentais atacou repetidamente e derrotou seu país [Pérsia], e o rei da Pérsia Khosrow¹⁴⁶ foi morto pelos Turcos Ocidentais.

Seu filho Kawad¹⁴⁷ ascendeu ao trono, e o Yabghu então distribuiu seus comandantes de tropas para controlar o seu país, e a Pérsia passou então a servir o Yabghu.

Quando Yabghu Qaghan morreu, aqueles comandantes que foram colocados para supervisionar [a Pérsia] tomaram a Pérsia para si e não se subordinaram novamente aos Turcos Ocidentais.¹⁴⁸

chineses), quando estes possuíam habilidades desejáveis que contribuíssem com a manutenção do funcionamento do império; os Persas, os Turcos e os Indianos eram alguns desses povos bárbaros que eram valorizados justamente por sua herança bárbara.

141 AOKI, *op. cit.*, p. 148.

142 SCHAFER, *op. cit.*, p. 223.

143 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 48.

144 Nome dado ao reinado do imperador Sui Yangdi (r. 605-617). Os imperadores chineses costumavam adotar nomes para seus reinados (ou partes deles) que expressassem suas ambições para o período ou algum caráter positivo; *Daye* 大業, por exemplo, poderia ser traduzido como “Grande Empreitada”, provavelmente devido às pretensões expansionistas de Yangdi. Ver: WILKINSON, *op. cit.*, p. 181-182.

145 Em chinês, *yehu kehan* 葉護可汗, a junção dos títulos turcos *yabghu* (*yehu* 葉護), usado para chefes de tribos internas ao canato, e *qaghan* (*kehan* 可汗), título do governante supremo de um canato. Ver: SKAFF, *op. cit.*, p. 34.

146 Em chinês, *Kusahe* 庫薩和, identificado pela historiografia com o imperador Khosrow II.

147 Na fonte, *Shili* 施利, que, segundo Tashakori, seria a pronúncia para o outro nome de Kawad II, Shirviah ou Shirue. Ver TAKASHORI, *op. cit.*, p. 61.

148 LIU XU, *op. cit.*, p. 31. Tradução nossa. No original: 隋大業末西突厥葉護可汗頻擊破其國波斯王庫薩和為西突厥所殺其子施利立葉護因分其部帥監統其國波斯竟臣於葉護及葉護可汗死其所令監統者因自

Os Turcos Ocidentais a quem a fonte se refere faziam parte dos povos nômades Goturcos, que se tornaram gradualmente poderosos na região da Ásia Central a partir do século V e formaram o maior império nômade até então visto na região. Entre 563 e 567, eles se uniram com o Império Sassânida para derrotar os Heftalitas e foram vitoriosos, dividindo o território conquistado entre si, mas cultivaram hostilidades com os Sassânidas após essa aliança, atacando constantemente as fronteiras orientais do império. Entre 581 e 582, os Goturcos se dividiram em duas facções políticas, os Turcos Ocidentais e os Turcos Orientais¹⁴⁹. Os primeiros mantiveram os conflitos com os Sassânidas nas fronteiras e, durante o reinado de Khosrow II, o líder turco Tong Yabghu Qaghan (o Yabghu Qaghan referido na fonte) aliou-se com os Bizantinos na sua guerra contra o Império Sassânida¹⁵⁰.

As guerras travadas por Khosrow II contra os Bizantinos, embora inicialmente bem-sucedidas ao levar o território sassânida à sua maior extensão até então¹⁵¹, tornaram-se um problema quando as vitórias do Imperador Heráclio (r. 610-641) fizeram o exército sassânida recuar novamente até a Mesopotâmia, perdendo o controle sobre todas as terras recém-conquistadas¹⁵². Essas derrotas, aliadas a outros fatores, levaram ao descontentamento da nobreza e do exército sassânida com Khosrow, retirando-o do poder e colocando seu filho, Kawad II (r. 628), no trono. Tanto as fontes perso-arábicas quanto as bizantinas concordam que Khosrow II foi assassinado, mas não pelos Turcos Ocidentais, e sim por uma conspiração da corte¹⁵³. Além disso, o reinado de Khosrow só acabou em 628, já no reinado do segundo imperador Tang, Taizong (r. 626-649), e não no final da Dinastia Sui, como a fonte aponta.

Quanto à dominação turca sobre a Pérsia citada pelos compiladores após a coroação de Kawad II, não há evidências sobre isso: segundo Beg, embora os Turcos tenham invadido territórios persas em vários momentos, apenas estados vassallos e periféricos ao Império Sassânida foram efetivamente conquistados por eles, mesmo durante a guerra de 616 a 617, quando conseguiram avançar dentro da Pérsia e atacar as cidades de Rayy e Isfahan¹⁵⁴. Uma leitura da Biografia do *Jiu Tang Shu* sobre os Turcos poderia trazer mais detalhes desses supostos eventos, mas é algo fora do escopo deste trabalho.

擅於波斯不復役屬於西突厥。

149 Em chinês, *Xi Tujie* 西突厥 e *Dong Tujie* 東突厥, respectivamente.

150 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 49-55.

151 Por um breve período, os Sassânidas conseguiram emular o antigo território do Império Aquemênida, conquistando sucessivamente a Armênia, Síria, Palestina, Jerusalém, Egito, Líbia e a Anatólia. Ver: DARYAEE, 2007. p. 44.

152 *Idem, ibidem*, p. 43-44.

153 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 59-60.

154 BEG, Saif. The Gök Turks and the Sasanians: The Wars of the Silk Road, **HPS: The Journal of History and Political Science**, Vol. 3, 2014, p. 14.

No entanto, chama-nos a atenção o fato de que, na narrativa construída pelos compiladores, Kawad ainda era o rei legítimo do Império Sassânida apesar da dominação turca sobre seus territórios. É importante dizer que, pelo menos desde 455, quando há o primeiro registro de um emissário sassânida enviado à corte chinesa, durante a Dinastia Wei, contatos diplomáticos regulares foram mantidos entre os persas e os chineses até pelo menos o início do reinado de Khosrow II¹⁵⁵. Devido ao senso de superioridade chinês, os Sassânidas enviaram muito mais emissários à China do que o contrário, mas também há registros nas *Zhengshis* das Dinastias Wei e Sui sobre enviados chineses levando presentes do imperador chinês à corte persa também, o que evidencia as relações amistosas entre os dois impérios e um reconhecimento mútuo dos dois poderes¹⁵⁶.

Essas relações diplomáticas amigáveis poderiam explicar a posição favorável sobre a legitimidade de Kawad II no trono, mas o fato de que tanto a Dinastia Tang de Liu Fang quanto a Dinastia Jin Posterior sofriam ameaças, internas ou externas, à manutenção da família imperial no poder central, assim como o Império Sassânida no século VII, também podem explicar essa postura. Quando Liu Fang terminou sua *Guoshi* em 760, a Dinastia rebelde Yan, estabelecida pelo General An Lushan em 756, ainda controlava grande parte do leste da China, e ataques tibetanos à fronteira oeste do império avançavam, aproveitando a crise interna que os Tang passavam no momento¹⁵⁷. Já a corte da Dinastia Jin no momento da compilação do *Jiu Tang Shu* precisava lidar tanto com a ameaça constante dos Liao, que exigiam a manutenção da subordinação chinesa a eles, quanto com os governantes militares e membros do governo que eram contrários a essa posição humilhante e perigosa, requerendo uma atitude mais independente do imperador.

Este posicionamento se mantém sobre o imperador Ardashir III (r. 630), como é exposto na continuação do relato:

Kawad reinou por um ano e morreu, e então a filha de Khosrow II foi feita rainha. Os Turcos também a mataram.
O filho de Kawad, *Danjie*, fugiu para o Império Bizantino. Logo após isso, o povo de seu

155 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 40-43. O autor lista todas as embaixadas sassânidas enviadas à China que foram registradas pelas fontes chinesas na página 47 da mesma obra. Sua explicação para a ausência de registros de embaixadas sassânidas na China antes de 455 seria pelo fato da ascensão dos Sassânidas no Irã ter coincido com a desintegração política dos Han, que levou ao período de fragmentação política e territorial dos Três Reinos na China. Estes tumultos teriam interrompido as relações diplomáticas entre as duas regiões por um bom tempo, pois não há nenhum registro de embaixadas sassânidas ou sobre a própria Pérsia nas *Zhengshi* até a ascensão da Dinastia Wei do Norte, embora as trocas comerciais tenham se mantido. A unificação das várias tribos turco-mongóis no norte da China pelos Tuoba Wei trouxe certa estabilidade para a região, o que permitiu a retomada dos contatos diplomáticos com o Irã.

156 *Idem, ibidem.*, p. 46.

157 DALBY, Michael. Court politics in late T'ang times. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 566-568.

país o recebeu de volta e o coroou como Ardashir¹⁵⁸. Ele reinou por dois anos e morreu.¹⁵⁹

Aqui, a fonte novamente confunde algumas informações. O reinado de Kawad II foi realmente curto, devido ao caos generalizado em que se encontrava a corte sassânida após a morte de Khosrow II. Mas os chineses invertem a ordem de sucessão a partir de Kawad: seu filho Ardashir III (r. 630) foi coroado imperador ainda criança, logo após morte do pai, mas foi rapidamente destronado e morto pelo general sassânida Shahrwaraz¹⁶⁰, que reinou por um ano e meio antes de ser assassinado¹⁶¹. Além disso, ele nunca fora para o Império Bizantino: aqui, os compiladores parecem confundir a história de Ardashir III com a de seu avô Khosrow II, que enfrentara uma forte rebelião logo no início de seu reinado e fugira para o Império Bizantino em 590, pedindo ajuda para o imperador Maurício (r. 539-602); o apoio romano foi essencial para Khosrow derrotar o general rebelde Wahram Chubin e reassumir o trono em 499¹⁶².

Após a morte de Ardashir III, devido ao fratricídio cometido por Kawad II, não havia herdeiros homens da família Sasan para assumir o trono. Por conta disso, Boran, filha de Khosrow II e esposa de Kawad II, foi então coroada rainha, reinou por dois anos, e foi sucedida por sua irmã, a rainha Azarmigduxt. Não sabemos a qual das rainhas os chineses estão se referindo na fonte, mas sabe-se que nenhuma delas foi morta pelos Turcos: Boran foi assassinada durante uma rebelião¹⁶³ e Azarmiduxt, por um general poderoso que se declarou imperador e cunhou moedas em seu nome na província de Fars¹⁶⁴. Ambos os reinados femininos foram precários e marcados pelo sectarismo do império, iniciando um período de fragmentação política no qual vários concorrentes (de generais poderosos a membros distantes da família Sasan) declaravam-se imperadores e cunhavam moedas em suas respectivas áreas de influências¹⁶⁵. Essa situação de sectarismo continuou até mesmo após a coroação de Yazdgerd III, em 632. Por este motivo, a confusão feita pelos chineses na ordem de sucessão dos últimos sassânidas é compreensível, dado que a datação para os acontecimentos deste período é complicada até mesmo para os historiadores de hoje.

De qualquer forma, Ardashir, assim como Kawad, ainda é considerado pelo povo persa

158 Em chinês, *Yinhengzhi* 尹恒支. Não sabemos porque os chineses utilizaram o nome *Danjie* 單羯 para se referir a Ardashir antes de *Yinhengzhi*. Ver: TASHAKORI, *op. cit.*, p. 61.

159 LIU XU, *op. cit.*, p. 31-32. Tradução nossa. No original: 施利立一年卒乃立庫薩和之女為王突厥又殺之施利之子單羯方奔拂菻於是國人迎而立之是為尹恒支在位二年而卒.

160 General sassânida que comandou e lutou com os exércitos de Khosrow II. DARYAEE, 2009, p. 35.

161 DARYAEE, 2007, p. 47.

162 DARYAEE, 2009, p. 32.

163 POURSHARIATI, *op. cit.*, p. 218.

164 DARYAEE, 2007, p. 49

165 *Idem, ibidem*, p. 40.

e pelos compiladores o governante legítimo da Pérsia, mesmo fugindo para uma potência estrangeira em um momento de dificuldade e deixando seu território sem um imperador. Embora a fuga de um imperador chinês para o exterior não tenha acontecido durante a Rebelião de An Lushan nem na Dinastia Jin Posterior, em ambos os momentos os imperadores chineses dependeram do apoio de vizinhos aliados para resistirem aos seus antagonistas internos e manterem-se no poder. Essa posição delicada das cortes de Liu Fang e dos compiladores do *Jiu Tang Shu* podem ter influenciado a maneira como a fonte coloca a relação de Ardashir e o Império Bizantino, e sua legitimidade mantida apesar da fuga.

No caso dos Tang, o Imperador Suzong (r. 756-762) precisou pedir apoio militar aos Uigures, que na época formavam uma confederação nômade poderosa nas estepes da Mongólia e possuíam relações amigáveis com a dinastia. Essa ajuda, no entanto, teve um preço caro para os chineses: cientes da posição delicada em que os Tang se encontravam naquele momento e da importância do apoio externo para acabar com a rebelião, os Uigures exigiram de Suzong um pagamento anual altíssimo em seda e a mão de uma de suas filhas em casamento ao então Qaghan Moyanchuo, um evento sem precedentes na história Tang¹⁶⁶. Essa situação de dependência se manteve após o fim da rebelião em 763, devido às ameaças tibetanas na fronteira ocidental Tang, e os Uigures continuaram utilizando essa vantagem para continuar exigindo recompensas generosas e um tratamento preferencial pelos chineses¹⁶⁷.

A situação de dependência externa da Dinastia Jin Posterior no século X era ainda mais crítica: sua própria existência era fruto do apoio Khitan ao fundador da dinastia, Shi Jingtang, de modo que este fora proclamado imperador por Yëlu Deguang, o imperador da Dinastia Liao, como já comentado anteriormente. O pagamento de tributos e a entrega das Dezesesseis Prefeituras aos Liao significavam uma clara subordinação aos Khitan, à qual grande parte dos governadores militares das prefeituras chinesas não concordava. E era justamente o apoio de uma potência militar como os Khitan que impedia esses governadores de se revoltarem contra o Imperador, por medo da retaliação externa. A Dinastia Jin Posterior dependera do apoio dos Khitan para legitimar-se durante toda a sua curta duração, e foi justamente a quebra desse pacto que levou ao seu fim. A recusa do segundo imperador Jin, Shi Chonggui, em manter a subordinação da corte chinesa aos Liao levou a uma guerra que durou de 943 a 947, e só acabou com a conquista do território chinês por Deguang, levando a um

166 WANG, Zhenping, *op. cit.*, p. 45-49. Segundo o autor, até então todas as princesas Tang que se casaram com líderes estrangeiros faziam parte de linhagens menores da família imperial, e nunca eram uma das filhas do imperador.

167 *Idem, ibidem*, p. 50-52.

curto período de dominação Liao na China, em 947¹⁶⁸.

O posicionamento dos compiladores muda completamente quando a fonte passa para o reinado de Yazdgerd III, considerado pela historiografia moderna como o último imperador sassânida. Diferente de Kawad e Ardashir, ele é apresentado como um governante fraco, um dos poucos julgamentos feitos de forma explícita pelos historiadores chineses nessa Biografia:

Seu filho Yazdgerd¹⁶⁹ ascendeu ao trono.

No ano 21¹⁷⁰, Yazdgerd enviou emissários à corte e ofereceu [ao imperador] um animal chamado *hourushe*¹⁷¹, parecido com um rato e de cor esverdeada. Possuía de 8 a 9 *cun*¹⁷² de comprimento e era capaz de entrar em buracos e capturar ratos.

Yazdgerd era covarde e fraco, foi perseguido por grandes líderes locais e fugiu para o Tocarestão. Não conseguiu chegar lá, pois foi morto por tropas árabes¹⁷³.

O reinado de Yazdgerd ficou conhecido na historiografia moderna como um “reinado errante”, pois, após sua coroação em Istakhr, o imperador precisava mover-se constantemente de província a província para fazer sua presença ser sentida, não conseguindo controlar qualquer área além de seu entorno imediato¹⁷⁴. Essa situação tornou impossível qualquer mobilização em grande escala contra os invasores árabes, que, a partir de 633, conseguiram conquistar os territórios sassânidas sucessivamente em direção ao leste, sofrendo pouca resistência dos líderes locais que já não eram mais leais à família Sasan¹⁷⁵. É possível que a falta de controle de Yazdgerd III sobre os governantes locais de seu império e sua atitude de fuga tenham sido o motivo pelo qual os compiladores tenham julgado-o um dirigente covarde. Tanto Suzong, durante a Rebelião de An Lushan, quanto Gaozu da Dinastia Jin Posterior precisaram combater veementemente os governantes militares locais que questionavam a autoridade desses imperadores no governo central.

As ameaças à unidade do Império Tang começaram a partir da criação do posto de Governador Militar (*jiedu shi* 节度使) no século VIII, para designar os responsáveis por uma série de comandos estrategicamente criados para a defesa das fronteiras norte e oeste do império. Inicialmente limitado apenas à esfera militar, com o tempo o cargo foi acumulando

168 STANDEN, 2009, p. 87-103. Segundo a autora, após a conquista dos Planaltos Centrais, Deguang chegou a declarar uma nova dinastia na China, sofrendo pouquíssima resistência da corte e dos governadores provincianos. Apesar disso, o imperador Liao não pretendia ficar na região por muito tempo e, no mesmo ano, voltou para as estepes após pilhar a capital e suas redondezas.

169 Em chinês, *Yisihou* 伊嗣候. Os compiladores colocaram Yazdgerd III como filho de Ardashir III, mas sabemos que Ardashir foi morto ainda criança; a tradição perso-árabe o coloca como neto de Khosrow II e filho de Shahriyar, uma das vítimas do fratricídio de Kawad II. Ver TASHAKORI, *op. cit.*, p. 63.

170 A fonte não especifica de qual reinado.

171 Segundo Tashakori, a identidade deste animal é desconhecida. TASHAKORI, *op. cit.*, p. 115.

172 Caractere 寸, medida tradicional equivalente à polegada (*inch*). Ver: WILKINSON, *op. cit.*, p. 237.

173 LIU XU, *op. cit.*, p. 32. Tradução nossa. No original: 兄子伊嗣候立二十一年伊嗣候遣使獻一獸名活禡蛇形類鼠而色青身長八九寸能入穴取鼠伊嗣候懦弱為大首領所逐遂奔吐火羅未至亦為大食兵所殺.

174 DARYAEE, 2007, p. 51.

175 *Idem, ibidem*, p. 52.

funções administrativas e poderes políticos em suas áreas de atuação, de modo que seus detentores tornaram-se poderosos o suficiente para ameaçar a corte imperial¹⁷⁶. Essa é considerada pela historiografia moderna a principal causa da Rebelião de An Lushan, dado que o próprio An Lushan, como Governador Militar de Fanyang, na fronteira com a Manchúria, acumulara grandes poderes, possuindo uma base territorial extensa e um exército bem treinado à sua disposição, formado por seguidores fiéis¹⁷⁷. Ele tinha o que era necessário para desafiar o governo central, e o fez quando percebeu que estava perdendo o apoio da corte e que poderia perder sua posição¹⁷⁸.

Em um curto espaço de tempo, An Lushan conseguiu conquistar a cidade de Luoyang, capital oriental da Dinastia Tang, no final de 755, e, no início de 756, suas tropas invadiram Chang'an, levando o Imperador Xuanzong a exilar-se em Chengdu, na província de Sichuan. O príncipe Li Heng e futuro Imperador Suzong foi contrário a essa estratégia de retirada do pai e resolveu contra-atacar os rebeldes, reunindo generais e governadores leais aos Tang e buscando o apoio Uigur para recuperar a capital Chang'an, que ocorrera em 757. Antes disso, no verão de 756, Li Heng depôs o próprio pai e proclamou-se imperador em seu lugar, o que não foi amplamente aceito por todos os grupos políticos.

A *Guoshi* de Liu Fang foi encomendada por Suzong em 759 como uma ferramenta de consolidação e legitimação política para o novo regime. No momento de sua produção, a corte imperial ainda estava dividida entre partidários de Xuanzong, ainda vivo, e adeptos ao novo imperador, o que explicaria o retrato negativo dos últimos anos do reinado de Xuanzong na obra¹⁷⁹. Por este motivo, o contraste entre a representação das fugas de Ardashir e Yazdgerd presentes na fonte pode ser um reflexo do contexto político em que Liu Fang escrevia: enquanto o apoio estrangeiro ao primeiro era justificável, assim como as concessões de Suzong aos Uigures também precisavam ser, a fuga de Yazdgerd perante a perseguição de grandes líderes locais deveria ser condenada da mesma forma que a fuga de Xuanzong para Chengdu durante a Rebelião de An Lushan, que motivara o próprio golpe de estado de Suzong.

Sobre o envio de uma embaixada de Yazdgerd para a China, a tradição árabe confirma

176 WANG, Gungwu. **Divided China: preparing for reunification, 883-947**. Toh Tuck Link: World Scientific Publishing, 2007. p. 7.

177 PETERSON, C.A. Court and province in mid- and late T'ang. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 472-473.

178 Para mais detalhes sobre as intrigas da corte que levaram à dissidência de An Lushan, ver DALBY, *op. cit.*, p. 561-562.

179 TWITCHETT, 1992, p. 183-184.

essa informação: segundo Tashakori, o historiador al-Tabari diz em seu *Tarikh al-Rusul wa al-Muluk* (História dos Profetas e Reis) que, após uma derrota militar em Marv e fuga para a cidade de Balkh, em 642, Yazdgerd encontrou seu emissário voltando da China após uma missão que objetivava ganhar o apoio chinês contra os invasores árabes; o imperador teria se recusado a ajudá-lo¹⁸⁰. Os compiladores do *Jiu Tang Shu*, no entanto, não especificam qual fora o motivo da missão e preocupam-se apenas em descrever o presente oferecido ao imperador. A inclusão dessa embaixada no relato pode se explicar pelo fato de que o envio de emissários estrangeiros à corte imperial era sempre visto pelos chineses como uma admissão da superioridade da civilização chinesa, e essas delegações eram sempre colocadas como portadoras de tributos ao imperador na fonte, o que não era necessariamente a intenção desses enviados, como no caso de Yazdgerd III¹⁸¹.

Há uma possibilidade do pedido de ajuda de Yazdgerd III à China ter um precedente na história sassânida. Durante o reinado de Peroz I (r. 459-484), quatro embaixadas sassânidas foram enviadas à corte Wei, nos anos de 461, 466, 468 e 476. Este período foi marcado pelas guerras travadas entre os Sassânidas e os Heftalitas, que conseguiram derrotar Peroz I, matá-lo e transformar o Irã em um estado tributário. Embora as fontes chinesas não expliquem quais foram os motivos das sucessivas embaixadas de Peroz I à corte Wei, é bem provável que suas intenções eram buscar a ajuda de um aliado poderoso ao leste para derrotar seus inimigos¹⁸². Infelizmente, para ambos, essa ajuda nunca veio; provavelmente a grande distância e, no caso de Yazdgerd III, a presença dos Turcos Ocidentais no meio do caminho, tornariam qualquer tentativa de intervenção militar insustentável e arriscada demais para os chineses. A destruição dos Turcos Ocidentais e a subordinação de seus antigos territórios aos Tang só ocorrera em 658, o que deve ter influenciado positivamente a decisão do Imperador Gaozong de ajudar Peroz em 661, como veremos no próximo capítulo.

Sobre a morte de Yazdgerd III, o *Jiu Tang Shu* novamente diverge um pouco da tradição persa-árabe: com a conquista de Fars pelos árabes por volta de 650, ele foi obrigado a fugir para a província de Khorasan, na fronteira leste do império, onde não conseguiu o apoio das elites locais e foi morto pelo governante da cidade de Marv em 651, e não pelos árabes, como contam os chineses¹⁸³. As fontes árabes também não falam da intenção de Yazdgerd ir para o Tocarestão, embora haja sim essa possibilidade; segundo Rezakhani, a região do Irã

180 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 66.

181 *Idem, ibidem*, p. 37-39.

182 *Idem, ibidem*, p. 42-44.

183 DARYAEE, 2006-2007, p. 21-22. Ver também: PASHAZANOUS, Hamidreza; AFKANDE, Ehsan. The Last Sasanians in Eastern Iran and China, *Anabasis: Studia Classica et Orientalia*, vol. 5, 2014, p. 140-141.

Oriental como um todo tornou-se um polo de resistência contra as invasões árabes a partir da segunda metade do século VII¹⁸⁴, e o apoio do governante local do Tocarestão a Peroz após a morte do pai demonstra sua receptividade para com a família Sasan.

184 REZAKHANI, *op. cit.*, p. 157.

CAPÍTULO 3

As representações de Peroz no *Jiu Tang Shu* e no Mausoléu de *Qianling*

Antes de começarmos a análise do relato de Peroz presente no *Jiu Tang Shu*, é preciso observar que a morte de Yazdgerd III não é tratada pelos compiladores como o fim definitivo do Império Sassânida. A trajetória de Peroz é colocada na fonte como uma extensão da história sassânida, sendo o príncipe persa o personagem mais proeminente de toda a Biografia sobre a Pérsia. Isso se deve à sua atuação como líder estrangeiro sob o sistema de governo indireto Tang nas terras ocidentais recém-submetidas ao Imperador Gaozong após a derrota dos Turcos Ocidentais na Ásia Central, que englobava parte do Irã Oriental e a província do Sistão, onde Peroz teria atuado na resistência local contra as invasões árabes.

Há outra evidência sobre a trajetória de Peroz na China, que complementa a narrativa presente no *Jiu Tang Shu* e fornece-nos mais pistas sobre o papel de sua figura na história da Dinastia Tang: a presença de uma estátua no Mausoléu de *Qianling*, construído em 684 e que abriga as tumbas do Imperador Gaozong e de sua família nas proximidades da antiga Chang'an. Entre as dezoito tumbas imperiais da Dinastia Tang, *Qianling* é o mausoléu mais preservado e tornou-se o arquétipo principal a ser seguido pelos imperadores subsequentes, do ponto de vista arquitetônico¹⁸⁵. A estátua de Peroz faz parte de um conjunto de 64 esculturas de líderes e emissários estrangeiros do período, localizadas em frente à entrada do palácio subterrâneo principal, onde Gaozong e sua esposa e Imperatriz Wu Zetian estão sepultados.

As representações de Peroz no *Jiu Tang Shu* e em sua estátua no Mausoléu de *Qianling* mostra-nos que havia um interesse por parte da corte Tang em manter a memória do príncipe sassânida na história da dinastia. Este capítulo se propõe a mostrar que sua figura de líder estrangeiro e aliado dos chineses, presente tanto na fonte quanto no monumento imperial, possui uma função simbólica importante: afirmar a extensão do poderio e influência militar, cultural e política que os Tang alcançaram sobre o mundo ao seu redor, sobretudo durante as décadas de expansão territorial sobre a Ásia Central, que atingiram o seu ápice no reinado do Imperador Gaozong.

3.1. Peroz no *Jiu Tang Shu*: do Comando de Área Persa à corte em Chang'an

Como dito anteriormente, a participação de Peroz na luta contra os avanços árabes sobre a região do Irã Oriental é conhecida por nós hoje graças ao registro dos compiladores chineses no *Jiu Tang Shu*. Na obra, a história do príncipe persa começa logo após o relato da

¹⁸⁵ ECKFELD, Tonia. **Imperial Tombs in Tang China, 618-907: The Politics of Paradise**. Nova York: Routledge Curzon, 2005, p. 1-2.

morte de seu pai:

Seu filho se chamava Peroz¹⁸⁶. Ele se juntou ao Yabghu do Tocarestão e conseguiu escapar [dos Árabes].

Peroz, no primeiro ano da Era *Longshuo* [661-663], ofereceu um memorial ao trono, dizendo que [seu território] estava sendo repetidamente invadido e atacado pelos Árabes, e pediu tropas para ajudá-lo.

Um decreto imperial enviou o Magistrado do Distrito de Nanyou em Longzhou, Wang Mingyuan, em uma missão nas Regiões Ocidentais, para dividir e posicionar prefeituras e distritos, e repartir o território. A cidade de Jiling foi feita o Comando de Área da Pérsia, e Peroz foi nomeado seu Comandante-chefe.

Depois disso, numerosos emissários foram enviados à corte oferecendo tributos.¹⁸⁷

A região do Tocarestão, na Bácia, foi constantemente disputada entre os Sassânidas e os vários povos nômades que conquistaram aquele território sucessivamente ao longo da Antiguidade Tardia, sem nunca, no entanto, deixar de ser influenciada pelos primeiros. Ponto estratégico na Rota da Seda, o Tocarestão estava em uma situação de decadência quando Peroz, de acordo com a fonte, se refugiou lá após a morte do pai: evidências arqueológicas mostram um abandono em massa da população da região, que perdeu grande parte da sua importância econômica e política para a vizinha Sogdiana, primeiro com os Heftalitas e especialmente com os Turcos Ocidentais¹⁸⁸. Por volta de 650, quando os Turcos Ocidentais se enfraqueceram e os fragmentos de seu território tornaram-se estados vassalos do Império Tang, o Tocarestão passou então a fazer parte do sistema de governo indireto chinês de forma precária, devido aos ataques árabes frequentes na região¹⁸⁹. A forte resistência à imposição islâmica no Irã Oriental entre a segunda metade do século VII e o início do século VIII torna a recepção de Peroz pelo Yabghu do Tocarestão após a morte de seu pai algo plausível.

O pedido de ajuda de Peroz ao Império Tang também é compreensível: os chineses estavam no pico de seu controle e influência sobre a Ásia Central naquele momento. A subjugação dos Turcos Orientais em 630, sob o reinado de Taizong (r. 626-649), seguida pelo colapso dos Turcos Ocidentais em 658, colocaram territórios vastos que iam da Bacia do Tarim até o Irã Oriental sob o controle chinês, através do estabelecimento de protetorados responsáveis pela administração das terras recém-conquistadas¹⁹⁰. Os árabes, portanto, tornaram-se o maior inimigo do Império Tang na sua fronteira ocidental, e também das populações locais, que não hesitaram em submeter-se aos chineses em busca de proteção. Para

186 Em chinês, *Beilusi* 卑路斯.

187 LIU XU, *op. cit.*, p. 32. Tradução nossa. No original: 其子名卑路斯又投吐火羅葉護獲免卑路斯龍朔元年奏言頻被大食侵擾請兵救援詔遣隴州南由縣令王名遠充使西域分置州縣因列其地疾陵城為波斯都督府授卑路斯為都督.

188 REZAKHANI, *op. cit.*, p. 157-158; p. 179-181.

189 HARMATTA, János; LITVINSKY, Boris Anatol'evich. Tokharistan and Gandhara Under Western Türk Rule (650-750). In: LITVINSKY, Boris Anatol'evich et al. **History of Civilizations of Central Asia, vol. III: The Crossroads of Civilization, A.D. 250 to 750**. Paris: UNESCO Publishing, 1996. p. 370-372.

190 SMITH, *op. cit.*, p. 35.

Peroz, buscar o apoio chinês poderia ser sua única chance de recuperar os territórios perdidos para os árabes, e a situação da China era-lhe muito mais favorável do que para seu pai, Yazdgerd III, quando este mandou um pedido de ajuda aos Tang por volta de 640.

A submissão de chefes locais aos chineses eram, para estes, uma reafirmação da superioridade chinesa perante seus vizinhos. Segundo Tashakori, a ordem mundial pregada pelo Confucionismo colocava a China com o centro da civilização humana e os estrangeiros como bárbaros, e as relações com os estrangeiros deveriam ser sempre de suserania e vassalagem, seja do ponto de vista cultural ou até mesmo do ponto de vista político. O ritual *Koutou*, por exemplo, era exigido a todos os enviados estrangeiros que visitassem a corte chinesa, através do qual deveriam reconhecer a superioridade do imperador ao “bater” a cabeça no chão em sinal de reverência, simbolizando não apenas a inferioridade do indivíduo perante o imperador, mas também a de seu país perante a China. Além disso, todos os presentes que estes emissários levavam à corte eram vistos como tributos ao imperador, mesmo que esta não fosse necessariamente sua intenção¹⁹¹.

No entanto, apesar deste propósito moral e civilizatório que permeara as relações entre os chineses e seus vizinhos desde as primeiras dinastias¹⁹², a política externa praticada pela Dinastia Tang era mais pragmática do que idealista. Wang Zhenping usa o termo “Pluralismo Pragmático” para caracterizar o conjunto de estratégias diplomáticas utilizadas pelos imperadores do período nas relações externas: enquanto seus predecessores tinham pouco conhecimento sobre seus vizinhos e tratavam-nos com hostilidade e desdém, dividindo o mundo entre oponentes e aliados da China, os Tang se esforçaram para entender profundamente o funcionamento das sociedades desses povos, utilizando-as a seu favor. Os imperadores Gaozu e Taizong, por exemplo, abandonaram a visão simplista sobre os Turcos e perceberam que a fluidez e dispersão do poder entre os vários grupos dentro da confederação eram uma vulnerabilidade e a utilizaram para derrotá-los¹⁹³.

A busca pelo conhecimento sobre as sociedades nômades nas fronteiras norte e noroeste da China levou os Tang à conclusão de que, por sua constante mobilidade e fluidez além das lealdades múltiplas, um controle permanente das fronteiras seria impraticável¹⁹⁴. Por

191 TASHAKORI, *op. cit.*, p. 37-38.

192 WANG, Zhenping, *op. cit.*, p. 231-234. Segundo o autor, foi a corte da Dinastia Zhou Ocidental que criou o conceito da centralidade chinesa para administrar suas relações com as tribos não-chinesas que cercavam os territórios Zhou; essa diferenciação entre chineses e não-chineses justificaria a subjugação dos últimos pelos primeiros.

193 *Idem, ibidem*, p. 8.

194 *Idem, ibidem*, p. 9.

este motivo, eles utilizaram o sistema de governo indireto *jimi*¹⁹⁵ como sua estratégia de defesa principal, estabelecendo nos locais recém-conquistados estruturas administrativas comandadas pelos próprios chefes locais, que mantinham o controle sobre sua população, mas podiam ser supervisionados por um oficial Tang e deveriam enviar tributos à corte regularmente¹⁹⁶. Os Protetorados (*duhufu* 都護府) eram as maiores unidades administrativas desse tipo, e geralmente eram subdivididos em Comandos de Área (*dudufu* 都督府)¹⁹⁷.

A missão de Wang Mingyuan, citada na fonte, teve como objetivo estabelecer dezesseis Comandos de Área nas regiões recém-conquistadas localizadas além da Cordilheira Pamir, que responderiam ao Protetorado do Oeste Pacificado, ou Protetorado *Anxi*¹⁹⁸. Entre os dezesseis, estava incluso o Comando de Área Persa¹⁹⁹ de Peroz, localizado em uma cidade chamada *Jiling* pelos compiladores, que é identificada pela historiografia moderna com a cidade de Zaranj, no Sistão, localizada hoje na fronteira entre o Irã e o Afeganistão²⁰⁰. O cargo de Comandante-chefe²⁰¹ dos Comandos de Área era outorgado a líderes que possuíssem alguma legitimidade política para os nativos da região em questão, e a nomeação de Peroz para um comando no Sistão, antigo território sassânida, é um indício de que ele ainda era considerado o herdeiro legítimo do trono persa não apenas para os chineses, mas também para os habitantes daquela região no início dos anos 660.

Há outras evidências de que Peroz teria participado da resistência contra os árabes no Sistão: segundo Daryaei, a presença de moedas cunhadas em nome de Yazdgerd III algum tempo após sua morte em 651 na região, unida aos registros na literatura árabe que relatam a perda do controle muçulmano da província do Sistão entre 658 e 673, sustenta a narrativa do *Jiu Tang Shu*²⁰². Essas moedas teriam sido cunhadas com a legenda *āzād*, “livre” em persa médio, o que foi uma prática comum entre os governantes locais persas do Planalto Iraniano que conseguiram se libertar dos árabes no século VII²⁰³. Além disso, Peroz não estaria sozinho nessa empreitada: há indícios de que seu irmão Wahram tenha participado da resistência sassânida contra os avanços muçulmanos sobre o Irã na mesma época, aparecendo em textos

195 Caracteres 羈縻, literalmente “rédeas de cavalo e cabresto de gado”. Ver: SKAFF, *op. cit.*, p. 61-62.

196 WANG, Zhenping, *op. cit.*, p. 247.

197 SKAFF, *op. cit.*, p. 247-249.

198 Em chinês, *Anxi duhufu* 安西都護府. Sobre a missão de Wang Mingyuan, ver THEOBALD, Ulrich. *The Western Territories (xiyu 西域)*. **China Knowledge**, 2011.

199 Em chinês, *Bosi dudufu* 波斯都督府.

200 HARMATTA, János. Sino-Iranica. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 19, 1971, p. 140-141.

201 Em chinês, *dudu* 都護, título militar concedido aos responsáveis pelos Comandos de Área. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 544, Verbete 7311.

202 DARYAEI, 2006-2007.

203 *Idem, ibidem*, p. 26-27.

apocalípticos em persa médio e em fontes chinesas, embora ele não seja citado pelos compiladores do *Jiu Tang Shu*²⁰⁴.

Segundo a fonte, cerca de dez anos depois do estabelecimento do Comando de Área Persa, Peroz foi para Chang'an, onde recebeu um título militar diretamente do imperador:

Em meados da Era *Xianheng* [670-673], Peroz veio pessoalmente para a corte imperial, e Gaozong presenteou-lhe com muita benevolência²⁰⁵, nomeando-o General da Guarda Guerreira Direita.²⁰⁶

A ida de líderes estrangeiros responsáveis pelas áreas de controle indireto do império Tang à capital era uma prática comum durante a Dinastia Tang, que seguia uma série de protocolos específicos e bem regulados²⁰⁷. Encontros diretos com o imperador eram raros, e geralmente toda a comunicação com os estrangeiros ocorria por intermédio de burocratas da corte; caso o imperador concedesse uma audiência aos enviados, uma série de rituais e de demonstrações de poder eram realizados para simbolizar o papel do imperador como intermediário entre os Céus e aqueles que estavam abaixo dele, como o *koutou* citado anteriormente²⁰⁸. Logo, essas visitas reforçavam a posição de submissão desses líderes estrangeiros à dinastia, mas também eram uma forma de fortalecer os laços com os povos que rodeavam e protegiam as fronteiras do império.

A prática de conceder títulos militares de valor cerimonial a estes chefes locais também era comum no período Tang, sobretudo nas décadas de maior expansão territorial da dinastia, no século VII. O título de General da Guarda Guerreira Direita²⁰⁹ recebido por Peroz é um exemplo deste costume, dado que a Guarda Guerreira era uma das Dezesesseis Guardas²¹⁰ teoricamente responsáveis pela defesa do palácio e da capital imperial, mas que tinham apenas um valor simbólico e eram utilizadas justamente para recompensar oficiais com cargos de honra. Na prática, era o Comando do Norte²¹¹, formado por um número variado de guarnições estacionadas em Chang'an e compostas por descendentes dos primeiros

204 *Idem, ibidem*, p. 26; PASHAZANOUS e AFKANDE, 2014, p. 148-149.

205 Os compiladores utilizam aqui a expressão *enci* 恩賜, utilizada para descrever quando um imperador concede uma graça ou favor a um súdito, como forma de recompensa e agradecimento por um serviço prestado.

206 LIU XU, *op. cit.*, p. 32. Tradução nossa. No original: 咸亨中卑路斯自來入朝高宗甚加恩賜拜右武衛將軍.

207 SKAFF, *op. cit.*, p. 135-138.

208 *Idem, ibidem*, p. 139.

209 Em chinês, *you wuwei jiangjun* 右武衛將軍. Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 574, Verbetes 7834 e 7835.

210 Em chinês, *Shiliu weifu* 十六衛府 ou apenas *Shiliu wei* 十六衛. Elas constituíam o chamado Comando do Sul (*nanya* 南衛). Eram as seguintes: as Guardas da Esquerda (*zuowei* 左衛) e Guarda da Direita (*youwei* 右衛); duas (da direita e esquerda, como no resto dos casos) Guardas Corajosas (*xiaowei* 驍衛); duas Guardas Militares (*wuwei* 武衛); duas Guardas Grandiosas (*weiwei* 威衛); duas Guardas Metropolitanas (*lingjunwei* 領軍衛); duas Guardas da Insígnia Imperial (*jinwuwei* 金吾衛); duas Guardas dos Portões do Palácio (*jianmenwei* 監門衛); e duas Guardas Pessoais (*qianniuwei* 千牛衛). Ver: HUCKER, *op. cit.*, p. 427-428, Verbetes 5290.

211 Em chinês, *beiyu* 北衛. Ver HUCKER, *op. cit.*, p. 373, Verbetes 4548.

apoiadores dos Tang, que realmente cuidava da segurança da capital²¹². Nas outras Biografias dos Bárbaros Ocidentais, há vários exemplos parecidos com o de Peroz, de líderes estrangeiros recebendo cargos de generais das Dezesesseis Guardas, para demonstrar que o caso do príncipe persa não era uma exceção.

No *Jiu Tang Shu*, a história de Peroz não acaba com sua nomeação como general pelo Imperador Gaozong em Chang'an. O relato continua da seguinte forma:

No ano 3 da Era *Yifeng* [676-678], o Vice-Ministro do Ministério de Pessoal, Pei Xingjian, foi ordenado a comandar um exército para escoltar Peroz e torná-lo Rei da Pérsia. Xingjian, por considerar o caminho muito distante, chegou até Suyab no Protetorado do Oeste Pacificado e retornou [para a corte].

Peroz retornou sozinho, não conseguiu entrar em seu país, que gradualmente foi invadido pelos Árabes. Ficou no Tocarestão por mais de vinte anos, e seu povo, que contava milhares de pessoas, gradualmente se dispersou após isso.

No ano 2 da Era *Jinglong* [707-709], novamente veio à corte imperial, e foi nomeado General da Guarda Grandiosa Esquerda. Pouco depois ficou doente e morreu. Seu país foi então destruído, mas seu povo ainda sobreviveu²¹³.

Hoje, sabemos que essa parte do relato no *Jiu Tang Shu* foi atribuída a Peroz de forma errônea pelos compiladores. Segundo a Biografia do oficial Pei Xingjian, presente no próprio *Jiu Tang Shu*²¹⁴, ele teria escoltado Narseh²¹⁵, filho de Peroz, para ser coroado Rei da Pérsia após a morte do pai, e essa informação é corrigida posteriormente pelos compiladores do *Xin Tang Shu*. A viagem de coroação de Narseh foi utilizada apenas como um pretexto para capturar Ashina Duzhi, que se autoproclamara Qaghan dos Turcos em 677, e suprir a cidade de Suyab, no Protetorado *Anxi*, com tropas; após conseguir o que queria, Pei Xingjian retornou para Chang'an e abandonou Narseh, que se refugiou no Tocarestão, onde participava da resistência contra os árabes apenas com o auxílio das forças locais²¹⁶. A partir de 668, o Império Tang passou por um processo de retração, causado pelo gasto excessivo com a expansão territorial e a ascensão do Reino do Tibet, que conseguiu conquistar boa parte dos pequenos estados espalhados pelos oásis da Bacia do Tarim, cortando a influência direta de Chang'an sobre a Ásia Central entre 670 e 692, além da crise política interna causada pela ascensão da Imperatriz Wu Zetian ao poder em 684²¹⁷.

De qualquer forma, a narrativa do *Jiu Tang Shu* mostra que, para os chineses, o fim do

212 HUCKER, *op. cit.*, p. 34.

213 LIU XU, *op. cit.*, p. 32. Tradução nossa. No original: 儀鳳三年令吏部侍郎裴行儉將兵冊送卑路斯為波斯王行儉以其路遠至安西碎葉而還卑路斯獨返不得入其國漸為大食所侵客於吐火羅國二十餘年有部落數千人後漸離散至景龍二年又來入朝拜為左威衛將軍無何病卒其國遂滅而部眾猶存.

214 Mais especificamente, no volume 84 da obra.

215 Em chinês, *Ninieshi* 泥涅師. Segundo Tashakori, a antiga pronúncia dos caracteres de *Ninieshi* era idêntica com a do nome persa *Narses* ou *Narseh*. Ver: TASHAKORI, *op. cit.*, p. 70, n. 112.

216 AGOSTINI, Domenico; STARK, Sören. Zāwulistān, Kāwulistan and the Land Bosī 波斯 – on the question of a Sasanian Court-in-Exile in the Southern Hindukush, *Studia Iranica*, Paris, 45, 1, 2016, p. 19.

217 SKAFF, *op. cit.*, p. 42-43; HARMATTA, 1971, p. 141.

Império Sassânida teria se dado após as últimas tentativas de reconquista feitas por Peroz e Narseh, os últimos descendentes da família Sasan. Mas, como os próprios compiladores escreveram, a destruição do Império Sassânida não significou o fim do povo persa, e a fonte continua descrevendo uma série de tributos que foram enviados pelos persas à corte em Chang'an:

Do ano 10 da Era *Kaiyuan* [713-741] até o ano 6 da Era *Tianbao* [742-755], o total de 10 emissários vieram à corte, trazendo produtos locais como presentes²¹⁸.

O *Jiu Tang Shu* e o *Xin Tang Shu* não dizem exatamente quando o Comando de Área Persa, como parte do sistema indireto de governo Tang, deixou de existir, mas sabe-se que a resistência contra a dominação árabe continuou nas regiões do Sistão e Zabulistão por cerca de cem anos, quando a Batalha de Talas, em 751, definiu o destino do Irã Oriental, colocando-o definitivamente sob o domínio islâmico e acabando com todas as pretensões chinesas sobre a Ásia Central²¹⁹. Embora essa passagem do *Jiu Tang Shu* não especifique quem mandou esses emissários e de onde exatamente, um estudo feito por Domenico Agostini e Sören Stark a partir de outras fontes, chinesas, árabes e persas, traz algumas pistas sobre a origem dessas embaixadas, mostrando que descendentes da família Sasan (ou pessoas reivindicando seu nome) continuaram agindo no Irã Oriental após Peroz e Narseh, mais especificamente nas regiões do Cabulistão e do Zabulistão, e enviando embaixadas para a corte chinesa, em nome de um “Rei da Pérsia”²²⁰. Isso explicaria o registro dessas embaixadas persas no *Jiu Tang Shu* mesmo após a morte de Peroz.

Com tudo isso, o que podemos concluir sobre o papel de Peroz no Comando de Área Persa? Seria este o bastião da resistência sassânida contra os árabes ou apenas mais um estado tributário chinês no Ocidente? A resposta correta é, provavelmente, ambos. Para Peroz, como já observado, o apelo aos chineses era a única aposta no momento que poderia levar à restauração da família sassânida e a recuperação dos territórios perdidos para os árabes. Além disso, como demonstrado por Wang Zhenping, as relações de suserania e vassalagem estabelecidas entre os Tang e os pequenos estados dos territórios conquistados eram amplamente nominais, usadas pelos últimos principalmente para obter benefícios políticos, militares, culturais e econômicos. Amaciar o ego do imperador quando necessário era uma estratégia de *soft power* para estes líderes se aproveitarem de sua proteção perante outros inimigos e adversidades, e não raramente eles se rebelavam contra a corte chinesa quando

218 LIU XU, *op. cit.*, p. 32. Tradução nossa. No original: 自開元十年至天寶六載凡十遣使來朝并獻方物.

219 REZHAKANI, *op. cit.*, p. 173; p. 184.

220 AGOSTINI e STARK, *op. cit.*, p. 20-32.

suas vontades estavam em jogo²²¹. A cunhagem de moedas em nome de Yazdgerd III por Peroz no Sistão é uma demonstração clara das intenções do príncipe naquela região: restabelecer a legitimidade sassânida perdida.

De qualquer forma, para os chineses, a submissão do príncipe sassânida ao imperador reforçava o ideal de superioridade da civilização chinesa sobre o mundo, com sua esfera de influência chegando em terras longínquas do Ocidente: o Comando de Área Persa em Zaranj foi o estabelecimento de governo indireto mais distante firmado pelos Tang durante o século VII, e provavelmente um dos principais focos de combate contra a ameaça árabe nas fronteiras do império. Além disso, ter entre seu quadro de subordinados estrangeiros o herdeiro de um império que, décadas atrás, ainda era uma das maiores potências do continente, sendo reconhecido pelos próprios compiladores por sua importância econômica e cultura na região, era uma comprovação da grandiosidade do Império Tang. O *Jiu Tang Shu* foca nos aspectos de submissão de Peroz e da atuação do imperador ao seu favor justamente para sustentar essa imagem de império plural, extenso e grandioso que os Tang buscaram ser no século VII.

3.2. A estátua de Peroz em *Qianling*:

Antes de falarmos sobre as estátuas do Mausoléu de Qianling, são necessárias algumas observações sobre o papel simbólico dos mausoléus imperiais na cultura e política chinesa. O sepultamento dos mortos em câmaras funerárias subterrâneas, com instalações internas e mobílias variando de acordo com a posição socioeconômica dos seus ocupantes em vida, faz parte de uma longa tradição na prática mortuária chinesa como um todo, remontando à Dinastia Shang. A tumba era vista pelos chineses como um local paralelo ao mundo terreno, onde o falecido passaria por um repouso eterno e, por este motivo, ela deveria replicar a vida terrena do morto através da presença de objetos pessoais, alimentos e decorações que emulassem sua vida na terra e suprissem suas necessidades póstumas²²². No caso dos mausoléus imperiais, havia ainda outra questão em jogo além das demandas do pós-vida do imperador: a afirmação da autoridade imperial e da grandiosidade de seus reinados em vida para as futuras gerações, através da construção de monumentos impressionantes e repletos de elementos simbólicos que demonstrassem a glória e as conquistas do imperador em vida²²³.

Seguindo estes objetivos, os imperadores da Dinastia Tang planejaram muito bem a localização, a arquitetura e a decoração de seus mausoléus ainda em vida para, através destes,

²²¹ WANG, Zhenping, *op. cit.*, p. 3-7.

²²² ECKFELD, *op. cit.*, p. 9.

²²³ *Idem, ibidem*, p. 136-137.

afirmar sua legitimidade política. Os primeiros dois monumentos do tipo construídos no período foram encomendados pelo Imperador Gaozu para abrigar seu avô, Li Hu, e seu pai, Li Bing, que receberam o título de imperadores de forma póstuma para reforçar a legitimidade da dinastia recém-fundada. Apesar de menores em escala quando comparadas aos monumentos posteriores, elas estabeleceram um padrão de organização que estaria presente em todos os complexos funerários construídos pela dinastia: um caminho processional flanqueado por esculturas de pedra, seguindo por um eixo norte-sul e levando a um monte situado no extremo norte do complexo, que abrigaria a tumba principal. Esta disposição de elementos emulava os princípios de planejamento urbano utilizados na construção da capital Chang'an, que se caracterizava por um plano axial simétrico e uma organização hierárquica do espaço ascendendo em importância do sul para o norte, com o palácio imperial situado no extremo norte da cidade²²⁴.

Seguindo estes critérios, o Mausoléu de *Qianling* está localizado no Monte Liang, cujo pico mais alto, situado no extremo norte do complexo, foi utilizado para a instalação do palácio subterrâneo que abriga os corpos do Imperador Gaozong e de sua esposa, Wu Zetian. Como de costume, seu caminho processional começa ao sul e é flanqueado por uma série de esculturas de pedra que, segundo Eckfeld, representam o poder civil e militar que o imperador possuiu em vida, além de elementos da administração imperial. São elas, por ordem de sul a norte:

Um par de pilares octogonais de pedra (utilizados para afastar o mal), um par de cavalos com asas, um par de fênixes (que era um símbolo reservado à família imperial), cinco pares de cavalos com cavaleiros, dez pares de oficiais modelados a partir dos guarda-costas do imperador, uma estela de 6.3 metros de altura registrando os feitos do Imperador Gaozong, uma estela de 6.3 metros referindo-se à Imperatriz Wu Zetian, dois grupos de emissários estrangeiros e um par de leões²²⁵.

A estátua de Peroz está situada entre um dos grupos de estátuas de emissários estrangeiros que rodeiam a entrada da tumba do casal imperial. Elas foram acrescentadas ao mausoléu pelo Imperador Zhongzong (r. 684, 705-710) apenas em 705, após o sepultamento da Imperatriz Wu Zetian²²⁶. Inicialmente 64 estátuas no total (32 de cada lado), hoje apenas 61 se encontram de pé, todas decapitadas e com as inscrições que identificavam cada uma delas apagadas pelo tempo²²⁷. Podemos conhecer alguns dos emissários estrangeiros representados pelas estátuas graças à obra *Chang'an Zhitu* (Registro Ilustrado de Chang'an), escrita por Li Haowen em 1344, durante a Dinastia Yuan, com o objetivo de fazer uma história ilustrada da capital imperial. O autor visitou *Qianling* e registrou as inscrições de 39 estátuas (as restantes

²²⁴ Eckfeld, *op. cit.*, p. 12-14.

²²⁵ *Idem, ibidem*, p. 23. Tradução nossa.

²²⁶ SKAFF, *op. cit.*, p. 143.

²²⁷ PASHAZANOUS e SANGARI, *op. cit.*, p. 499-500.

já se encontravam ilegíveis naquela época), incluindo a de Peroz, que dizia o seguinte:

Grande General da Guarda Corajosa Direita, Comandante-chefe do Comando de Área
Pérsia e Rei da Pérsia, Peroz²²⁸

O título de Grande General da Guarda Corajosa Direita difere do apresentado pelo *Jiu Tang Shu*, de General da Guarda Guerreira Direita. Não apenas as guardas são trocadas, mas a posição de Grande General (*dajiangjun* 大將軍) é uma patente de maior prestígio do que apenas General (*jiangjun* 將軍)²²⁹. Ambos os títulos, no entanto, por serem parte das Dezesesseis Guardas citadas anteriormente, continuam sendo amplamente cerimoniais e sem nenhum valor prático. A maioria das estátuas citadas por Li Haowen referem-se a estrangeiros que, assim como Peroz, também possuíam títulos de Generais de alguma das Dezesesseis Guardas, e eram simultaneamente Comandantes-chefes de Comandos de Área situados nas Regiões Ocidentais, confirmando a prática padrão de conferir esses títulos a líderes locais estrangeiros que foram leais ao império e auxiliaram na manutenção de suas fronteiras.

Já ao referir-se a Peroz como “Rei da Pérsia”, a inscrição nos mostra que a corte Tang reconhecia a legitimidade do príncipe persa como herdeiro do trono sassânida, o que permitiu o seu estabelecimento no Comando de Área Persa na região do Sistão, na década de 660. No entanto, é significativo que os títulos concedidos pelo imperador a Peroz são citados em primeiro lugar, tendo precedência sobre a sua realeza, o que pode ser lido da seguinte forma: para os chineses, Peroz era, antes de Rei da Pérsia, um oficial estrangeiro subordinado ao Imperador Gaozong, que cumpriu sua função de manter a integridade territorial do império em sua posição dentro do sistema de governo indireto *jimi* e, por este motivo, recebeu honrarias. Essa disposição de títulos era o padrão de quase todas as inscrições presentes no *Chang'an Zhitu*, e a própria apresentação das 61 estátuas na entrada da tumba de Gaozong reforça a ideia de submissão destes líderes estrangeiros ao imperador: desarmados, em tamanho e real e com a linguagem corporal denotando reverência, contrastando bastante com as esculturas dos guarda-costas imperiais armados, com cerca de quatro metros de altura cada uma, que antecedem os emissários no caminho processional²³⁰.

A presença dessas estátuas em *Qianling*, logo na entrada do palácio subterrâneo principal, mostra a importância crescente das relações externas durante o início da Dinastia Tang. De acordo com Skaff, a inclusão de estátuas de estrangeiros nos mausoléus imperiais foi uma inovação do período Tang, quando Gaozong ordenou, pela primeira vez, que

228 LI HAOWEN. *Chang'an Zhitu*, Livro 2. Edição *Siku Quanshu*, 1782. p. 9. Tradução nossa. No original: 右驍衛大將軍兼波斯都督波斯王卑路斯.

229 HUCKER, *op. cit.*, p. 464, Verbetete 5897.

230 ECKFELD, *op. cit.*, p. 25.

esculpiam quatorze estátuas de líderes locais bárbaros que se submeteram voluntariamente ou foram derrotados pelo Imperador Taizong, para colocá-las no Mausoléu *Zhaoling*, construído para o sepultamento de Taizong em 649²³¹. No caso de *Qianling*, todas as figuras identificadas representavam membros de elites estrangeiras, sobretudo da Ásia Central, que serviram ao Império Tang como oficiais militares leais ou governantes sob a tutela imperial²³². Para Skaff, essas estátuas projetavam a mensagem de que “elites estrangeiras eram sujeitas aos imperadores Tang, mas eram também um componente importante do império, apoiando reverentemente o imperador nessa vida e na próxima”²³³.

Logo, essas estátuas ilustram o pluralismo pragmático que, como discutido anteriormente, caracterizava a diplomacia dos Tang. Simbolizando os numerosos líderes estrangeiros que se submeteram à dinastia ao longo do século VII e, principalmente, durante o reinado do Imperador Gaozong, elas afirmam a superioridade do império chinês perante os seus vizinhos bárbaros, mas, ao mesmo tempo, demonstram a importância desses vizinhos na própria condução política e militar do governo Tang. Como bem dito por Abramson, um império etnicamente diverso, quando bem administrado por um governante capaz de controlar os possíveis conflitos interétnicos que possam acontecer, era visto como um império mais forte para os Tang, e a presença de povos estrangeiros nas fronteiras era necessária para a sua própria proteção²³⁴. E a inclusão de Peroz entre as estátuas de *Qianling* demonstram o reconhecimento do seu papel como um aliado estrangeiro da dinastia, devido à sua atuação nas fronteiras mais longínquas do império.

231 SKAFF, *op. cit.*, p. 142.

232 *Idem, ibidem*, p. 143.

233 *Idem, ibidem*, p. 144. Tradução nossa.

234 ABRAMSON, *op. cit.*, p. xii.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, vimos como os destinos do Império Sassânida e da Dinastia Tang se cruzaram no século VII, em um momento decisivo para ambos os poderes: enquanto o primeiro passava por uma crise política da qual nunca se recuperaria, a segunda chegava ao ápice do seu poderio e influência sobre a Ásia Central, com o estabelecimento de estruturas administrativas indiretas nos territórios que se submeteram ao controle chinês na região. As relações entre essas duas potências foram registradas pelos historiadores chineses no *Jiu Tang Shu*, a *Zhengshi* da Dinastia Tang compilada durante a Dinastia Jin Posterior, no período de fragmentação política da Cinco Dinastias e Dez Reinos na China do século X. Na Biografia dos Bárbaros Ocidentais, uma seção dedicada ao Império Sassânida, *Bosi* para os chineses, revela quais eram as percepções dos compiladores sobre o seu território e costumes, bem como sobre o processo de declínio pelo qual os persas passaram a partir do reinado de Khosrow II, no início do século VII.

No primeiro capítulo, vimos que, para a Historiografia Tradicional Chinesa, a história era um ciclo constante de mudanças que provocavam e explicavam a ascensão e a queda das dinastias imperiais. Cabia aos historiadores oficiais registrar essas mudanças da forma mais verossímil possível, para que os ensinamentos do passado pudessem guiar as futuras gerações de governantes nas suas decisões políticas. Ao mesmo tempo, também era função destes historiadores, que na maioria das vezes exerciam outros cargos políticos dentro da corte imperial, fornecer as justificativas necessárias para os atos de seus imperadores, interpretando o passado de uma forma que validasse a sua posição no Mandato dos Céus. As *Zhengshi*, gênero historiográfico mais emblemático dessa tradição, representam bem esta natureza dupla da Historiografia Tradicional Chinesa, por serem o registro oficial dos acontecimentos e personalidades mais importantes de uma dinastia, produzido justamente por regimes posteriores à mesma.

O *Jiu Tang Shu* inaugurou uma nova fase na produção das *Zhengshi* pelas dinastias imperiais. Com a criação do Departamento Historiográfico e o desenvolvimento de um sistema de compilação especializado ainda no início da Dinastia Tang, os historiadores do período passaram a ter um controle muito maior do conteúdo que posteriormente faria parte da sua própria *Zhengshi*, incorporando a maior parte do seu processo de compilação em um trabalho diário e constante do Departamento Historiográfico. Por este motivo, ao analisarmos o *Jiu Tang Shu*, devemos levar em consideração essas duas camadas de seleção pelas quais ela passou: a primeira, feita pelos historiadores da Dinastia Tang, e a última, realizada pelos

compiladores da Dinastia Jin Posterior.

A influência deste contexto duplo de produção sobre a redação do *Jiu Tang Shu* pode ser exemplificada na Biografia sobre o Império Sassânida, como vimos no segundo capítulo. Além da descrição feita pelos compiladores sobre as suas características e costumes revelarem como os chineses viam *Bosi* como uma terra próspera e influente entre os bárbaros ocidentais, percebemos como a realidade caótica da corte chinesa nos dois momentos decisivos de sua produção é refletida na maneira em que os governantes sassânidas são tratados pela fonte em seus próprios momentos de crise. As noções de legitimidade política apresentadas na Biografia do Império Sassânida eram as mesmas que Liu Fang, durante a Rebelião de An Lushan na Dinastia Tang, e a equipe de historiadores responsáveis pelo *Jiu Tang Shu* precisavam sustentar para justificar os regimes políticos dos quais faziam parte.

Já a narrativa sobre a trajetória de Peroz do Irã Oriental até a corte chinesa em Chang'an, abordada no terceiro capítulo, é valiosa em vários aspectos. Em conjunto com outras fontes escritas e evidências materiais do período, ela nos permite clarificar melhor a situação da resistência sassânida contra os avanços árabes sobre o Irã Oriental, e o papel do príncipe persa nessa luta; o pedido de apoio militar aos chineses foi a estratégia que Peroz encontrou naquele momento para tentar reconquistar seu império perdido. Além disso, ela também exemplifica o funcionamento das relações diplomáticas dos Tang com seus vizinhos, bem como o tratamento dado para líderes estrangeiros que buscavam sua proteção política e militar: além de engrandecerem o império, estes líderes auxiliavam na defesa de suas fronteiras, sendo a implantação de Comandos de Área como o de Peroz uma das principais estratégias utilizadas pelos Tang para proteger os territórios conquistados. A importância que líderes estrangeiros como o príncipe sassânida tiveram na condução da política Tang explica a presença das estátuas de emissários e líderes estrangeiros guardando a entrada da tumba que abriga os restos mortais do Imperador Gaozong, no Mausoléu de *Qianling*.

Com tudo isso, podemos concluir que a seção sobre o Império Sassânida presente na Biografia dos Bárbaros Ocidentais do *Jiu Tang Shu* é uma fonte valiosa em vários aspectos, tanto para a historiografia sobre o final do Império Sassânida e seus desdobramentos sobre o Irã Oriental, quanto para os estudos sobre a presença Tang na região e a maneira como os chineses lidaram com os povos estrangeiros que interagiam com eles durante o século VII. A partir de sua análise, também é possível identificar as concepções políticas dos compiladores do *Jiu Tang Shu* através dos ideais de legitimidade dinástica que são empregados na descrição dos últimos imperadores persas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

- LI HAOWEN 李好文. *Chang'an Zhitu, Juan Zhong 長安志圖卷中* [Registro Ilustrado de Chang'an, Livro 2]. Cópia digital da edição *Siku Quanshu 四庫全書*, publicada em 1782. Disponível em: <http://skqs.guoxuedashi.net/wen_823n/125977.html#002-2a>. Acesso em: 21 de out. de 2021.
- LIU XU 劉昫 (ed). *Jiu Tang Shu, Juan Yibaijiuba, Liezhuan Diyibaisiba: Xirong 舊唐書卷一百九十八 列傳第一百四十八: 西戎* [Velho Livro de Tang, Livro 198, Biografia 148: Bárbaros Ocidentais]. Cópia digital da edição *Siku Quanshu 四庫全書*, publicada em 1782. Disponível em: <<https://ctext.org/library.pl?if=en&file=75817&page=1>> Acesso em: 21 de out. de 2021.

Fontes secundárias:

- ABRAMSON, Marc. **Ethnic Identity in Tang China**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2008.
- AGOSTINI, Domenico; STARK, Sören. Zāwulistān, Kāwulistan and the Land Bosī 波斯 – on the question of a Sasanian Court-in-Exile in the Southern Hindukush, **Studia Iranica**, Paris, 45, 1, 2016, p. 17-38.
- AOKI, Takeshi. Zoroastrianism in the Far East. In: STAUSBERG, Michael; VEVAINA, Yuhan Sohrab-Dinshaw (eds). **The Wiley-Blackwell Companion to Zoroastrianism**. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd., 2015. p 147-156.
- BEG, Saif. The Gök Turks and the Sasanians: The Wars of the Silk Road, **HPS: The Journal of History and Political Science**, Vol. 3, 2014. p 1-22.
- DALBY, Michael. "Court politics in late T'ang times". In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 566-568.
- DARYAEE, Touraj. Yazdgerd III's Last Year: Coinage and History of Sistan at the End of Late Antiquity, **Iranistik: Deutschsprachige Zeitschrift für iranistische Studien**, 5. Jahrgang, Heft 1&2, 2006-2007, p. 21-29.
- DARYAEE, Touraj. When the End is Near: Barbarized Armies and Barracks Kings of Late Antiquity. In: MACUCH, Maria et al. **Ancient and Middle Iranian Studies: Proceedings of the 6th European Conference of Iranian Studies**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2007, p. 43-52.
- DARYAEE, Touraj. **Sasanian Persia: The Rise and Fall of an Empire**. Londres: I.B. Tauris, 2009.
- ECKFELD, Tonia. **Imperial Tombs in Tang China, 618-907: The Politics of Paradise**. Nova York: Routledge Curzon, 2005.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China, A New History*. Second Enlarged Edition. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006.
- GABAIN, Annemarie Von. Irano-Turkish Relations in the Late Sasanian Period. In:

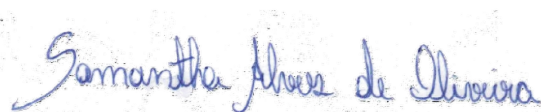
- YARSHATER, Ehsan (ed). **The Cambridge History of Iran, vol. 3, part 1: The Seleucid, Parthian and Sasanid Periods.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 613-624.
- HARMATTA, János. Sino-Iranica. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 19, 1971, p. 113-147.
- HARMATTA, János; LITVINSKY, Boris Anatol'evich. Tokharistan and Gandhara Under Western Türk Rule (650-750). In: LITVINSKY, Boris Anatol'evich et al. **History of Civilizations of Central Asia, vol. III: The Crossroads of Civilization, A.D. 250 to 750.** Paris: UNESCO Publishing, 1996, p. 367-401.
- HUCKER, Charles O. **A Dictionary of Official Titles in Imperial China,** Taiwan Edition. Taipei: Southern Materials Center, Inc., 1985
- LAUFER, Berthold. **Sino-Iranica: Chinese Contributions to the History of Civilization in Ancient Iran, with Special Reference to the History of Cultivated Plants and Products.** Chicago: Field Museum of Natural History, 1919.
- NICHOLSON, Oliver (ed). **The Oxford Dictionary of Late Antiquity, Volume 1: A-I.** Oxford: Oxford University Press, 2018.
- PASHAZANOUS, Hamidreza; AFKANDE, Ehsan. The Last Sasanians in Eastern Iran and China, **Anabasis: Studia Classica et Orientalia,** vol. 5, 2014, p. 139-154.
- PASHAZANOUS, Hamidreza; SANGARI, Esmail. The Last Sasanians in Chinese Literary Sources: Recently Identified Statue Head of a Sasanian Prince at the Qianling Mausoleum, **Iranian Studies,** Volume 51, Issue 4, 2018. p. 499-515.
- PETERSON, C.A. Court and province in mid- and late T'ang. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 464-560.
- POURSHARIATI, Parvaneh. **Decline and Fall of the Sasanian Empire: The Sasanian Parthian Confederacy and the Arab Conquest of Iran.** Londres: I.B. Tauris, 2008.
- REZAKHANI, Khodadad. **ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity.** Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017.
- SCHAFER, Edward Hetsel. **The Golden Peaches of Samarkand: A Study of T'ang Exotics.** Los Angeles: University of California Press, 1985.
- SKAFF, Jonathan Karam. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power and Connections, 580-800.** Nova York: Oxford University Press, 2012.
- SKJAERVØ, Prods Oktor. Iran vi. Iranian Languages and Scripts (3) Writing Systems, **Encyclopaedia Iranica,** XIII/4, p. 366-370. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/iran-vi3-writing-systems>>. Acesso em: 21 de out. de 2021.
- SMITH, Paul Jakov. "Introduction: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279", In: TWITCHETT, Denis; SMITH, Paul Jakov. **The Cambridge History of China, Volume 5, Part 1: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279 AD.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 1-37.
- STANDEN, Naomi. **Unbounded Loyalty: Frontier Crossings in Liao China.** Honolulu:

- University of Hawai'i Press, 2007.
- STANDEN, Naomi. The Five Dynasties. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume. 5, Part 1: The Sung Dynasty and Its Precursors, 907-1279**. Nova York: Cambridge University Press, 2009, p. 38-132.
- SUNG, Chia-fu. An Ambivalent Historian: Ouyang Xiu and His *New Histories*, **T'oung Pao: International Journal of Chinese Studies**, vol. 102, Issue 4-5. Leiden-Boston: Brill, 2016. p. 358-406.
- TASHAKORI, Abbas. **Iran in Chinese Dynastic Histories: A study of Iran's relations with China prior to the Arab Conquest**. Tese (Master of Arts in Asian Studies) – Australian National University. Canberra, 1974.
- THEOBALD, Ulrich. The Western Territories (*xiyu* 西域). **China Knowledge**, 2011. Disponível em: <<http://www.chinaknowledge.de/History/Altera/xiyu.html>> Acesso em: 21 de out. de 2021.
- TWITCHETT, Denis. Introduction. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John (eds). **The Cambridge History of China, Volume 3: Sui and Tang China, 589-906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 1-47.
- TWITCHETT, Denis. **The Writing of Official History Under the Tang**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- WANG, Gungwu. **Divided China: preparing for reunification, 883-947**. Toh Tuck Link: World Scientific Publishing, 2007.
- WANG, Zhenping. **Tang China in Multi-Polar Asia: A History of Diplomacy and War**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2013.
- WATSON, Williams. Iran and China. In: YARSHATER, Ehsan (ed). **The Cambridge History of Iran, vol. 3, part 1: The Seleucid, Parthian and Sasanid Periods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 537-558.
- WILKINSON, Endymion. **Chinese History: A Manual**. Revised and Enlarged. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 2000.
- WISEMAN, Nigel; FENG, Ye. **A Practical Dictionary of Chinese Medicine**, Second Edition. Brookline: Paradigm Publications, 1998.
- WU, Huaiqi. **An Historical Sketch of Chinese Historiography**. Berlim: Springer-Verlag, 2018.
- ZADNEPROVSKIY, Y.A. The Nomads of Northern Central Asia after the Invasion of Alexander. In: HARMATTA, János (ed). **History of Civilizations of Central Asia, Volume II. The development of sedentary and nomadic civilizations: 700 B.C to A.D. 250**. Paris: UNESCO Publishing, 1994, p. 457-472.
- ZARRINKUB, Abd Al-Husain. The Arab Conquest of Iran and Its Aftermath. In: FRYE, Richard Nelson (ed). **The Cambridge History of Iran, Volume 4: The Period From The Arab Invasion to the Saljuqs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 1-56.
- ZHAO, Dingxin. The Mandate of Heaven and Performance Legitimation in Historical and Contemporary China, **American Behavioral Scientist**, vol. 53, nº 3, 2009, p. 416-433.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Samantha Alves de Oliveira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “O Último Sassânida? A narrativa do *Jiu Tang Shu* sobre o fim de um Império Persa” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 21 de outubro de 2021.



Samantha Alves de Oliveira